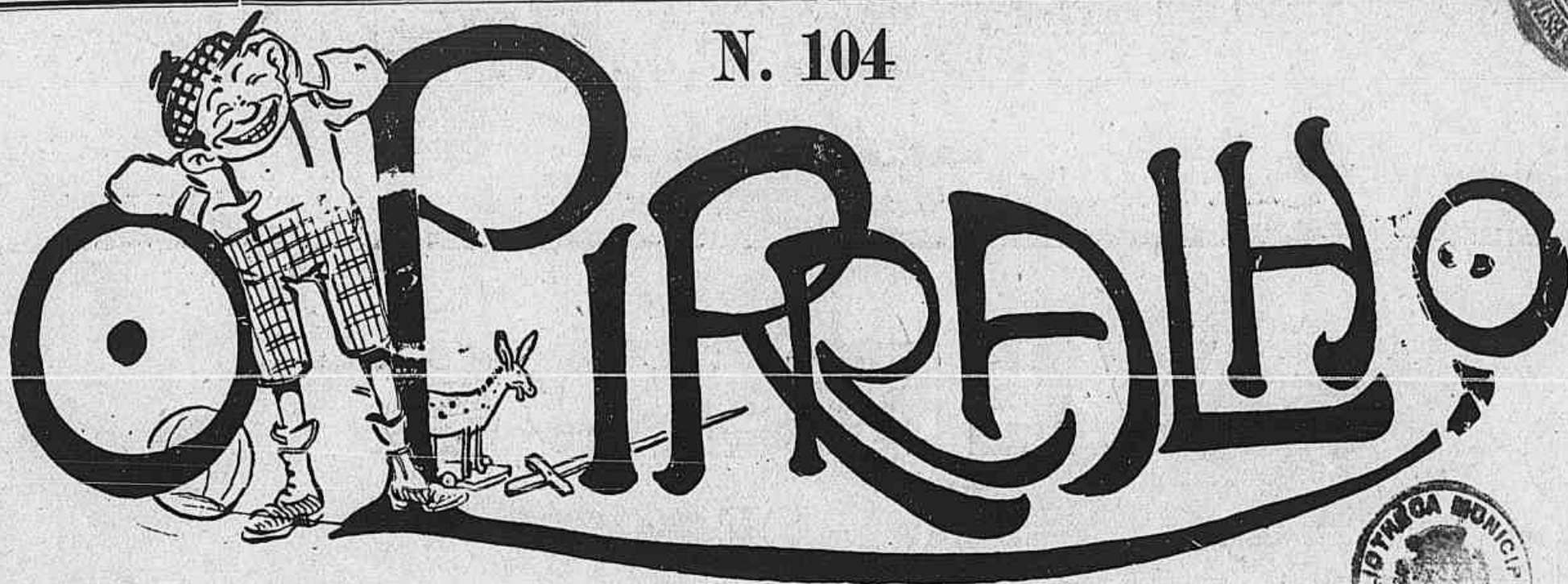


S. Paulo, 16 de Agosto de 1913



N. 104



SEGUNDO ANNIVERSARIO



Ou o primeiro dia das calças compridas

.....
Anno II
.....

.....
300 rs.
.....



VERSOS

DE

CORNELIO PIRES

**Scenas e paisagens da
minha terra**

Versos velhos - Musa caipira

**nas principaes livrarias e
na nossa redacção**





COMO SE CURAM OS INCOMMODOS DE SENHORAS

A Saude da Mulher é um remédio
para uso interno e dispensa os
irrigadores e outros aparelhos.

É uma formula privilegiada dos pharmaceuticos
chimicos Daudt & Lagunilla — Rio de Janeiro.

A SAUDE DA MULHER é o especifico dos
incommodos das senhoras e senhoritas.

POUCAS COLHERES ALLIVIAM

POUCOS FRASCOS CURAM

A SAUDE DA MULHER é sempre indicada com
real vantagem sobretudo nas

Suspensões

Menstruações dolorosas

Flores Brancas

Hemorragias

Regras escassas

No periodo da idade
critica, nas manifes-
tações do arthritismo
e nas dôres rheuma-
ticas, este poderoso
remedio produz sem-
pre grandes beneficios



❖ Vende-se em todas as Pharmacias do Brazil ❖

Aos Asthmaticos!...

Especifico ora descoberto, que tem feito
real successo na cura da asthma e bronchite
asthmatica:

Uma cura importante:

Ilmo. sr. major Bruzzi. Estando minha
filha Clara soffrendo de « asthma » recorri
a seu producto, Elixir anti-asthmatico de
Bruzzi; e com um só vidro obteve a cura
radical, de tão terrivel molestia. Em bene-
ficio de todos passo a presente, por gratidão
Rio, 14-12-1912.

Horacio Cesar de Lima — Rua Visconde
de Itanua n. 543, casa n. 7,

Venda nas drogarias e pharmacias e no
depositarios BRUZZI & C. — Rua do Hos-
picio, 144 — Rio de Janeiro — Em S. Paulo,
Rua Direita, 11 — **Drogaria Amaranthe.**

SERVIÇOS DE ENGENHARIA Ayroza Galvão & C.
ENGENHEIROS CIVIS E INDUSTRIAES

Incumbem-se de todo serviço de Engenharia Civil e Industrial

Escritorio Technico - S. Paulo - Rua José Bonifacio, 30 (1.º andar)

Rprechen Sie Deutsch? Do You Speak English?

Se não, procure o conhecido professor

HENRY WIESE

ex-professor da Corte Belga e das

ESCOLAS BERLITZ de Londres, Bruxellas e Lisboa

Rua 15 de Novembro N. 50 B -- (1.º andar)

DEPURATIVO LYRA CURA
HEMOSANO A SYPHILIS
SABOR AGRAVAVEL
Não ataca o estomago

BROMIL CURA TOSSE BRONCHITE
ASTHMA, COQUELUCHE
e ROUQUIDÃO

ANDAR 9 PRAT. c
EST. 2 No de CRD.

Casa Raunier

Sociedade Anonyma
CAPITAL 5.310:000\$000

Secções especiaes de ar-
tigos Inglezes e Francezes
para homens

Officina de alfaiate de 1.^a categoria

Matriz no RIO DE JANEIRO :

Rua do Ouvidor N. 172

Filial em SÃO PAULO :

Rua 15 de Novembro N. 39

Loteria do Estado

— DE —

S. PAULO

Deposito no Thezouro do Estado : 100:000\$000

EXTRACÇÕES ÀS 2.^{as} E 5.^{as} FEIRAS

AVISO IMPORTANTE — Os bilhetes vendidos para fóra do Estado estão sujeitos ao sello adhesivo Federal de 50 rs. em cada fracção, devendo os pedidos nessas condições ser bem claros afim de evitar a infracção da lei, visto que, qualquer infracção corre sob inteira e unica responsabilidade d'aquelle que os vende sem o respectivo sello.

Os Concessionarios

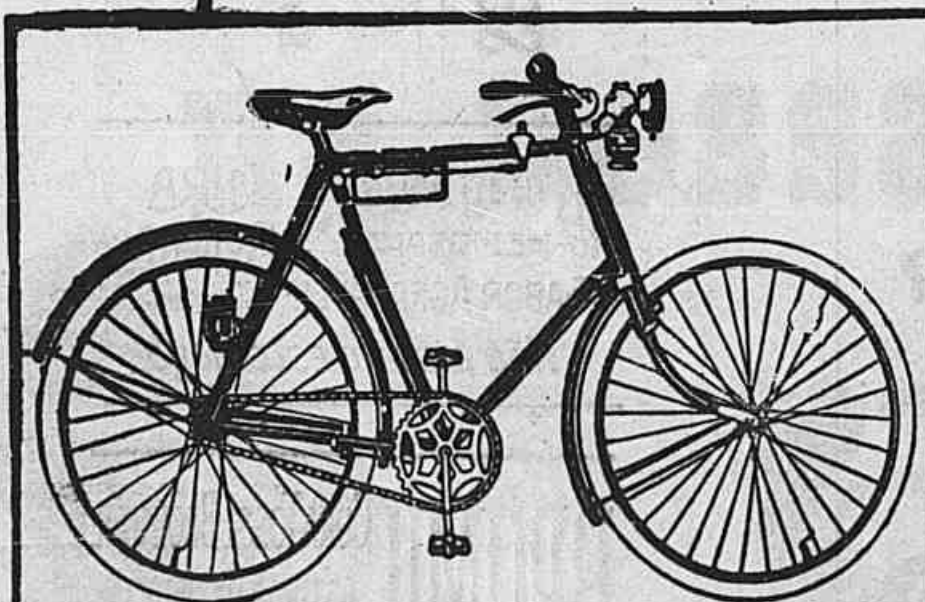
J. AZEVEDO & C.^{IA}

Caixa, 2 — Rua Quintino Bocayuva, 32 — Endereço Telegraphico "LOTERPAULO,,

S. PAULO

Ordem das extracções de Agosto

Datas	DIAS	Premio Maior	PREÇO DO BILHETE	DIVISÃO
18	Segunda feira	20:000\$000	1\$800	Meios a \$900
21	Quinta feira	50:000\$000	4\$500	Quintos a \$900
25	Segunda-feira	20:000\$000	1\$800	Meios a \$900
28	Quinta feira	20:000\$000	1\$800	Meios a \$900



Bicyclette "STAR"

A melhor bicyclette ingleza

— ELEGANTE SOLIDA E VELOZ —

A 5 mil réis por semana

Na cidade de S. Paulo é entregue sem deposito.

CLUBS CASA STANDARD PRAÇA ANTONIO PRADO: 12

PIRRALHO

NUMERO 104

Assignatura por Anno 10\$000.

Caixa do Correio, 1026

Semanario Illustrado

d'importancia

..... existente

Redacção: Rua 15 Novembro, 10-1



DOIS ANNOS

E' hoje que o *Pirralho* entra no seu segundo anniversario e nas calças compridas, com grande jubilo de toda a humanidade soffredora.

O facto do *Pirralho* vestir calças compridas não implica absolutamente uma mudança de programma, porque elle ha de ser eternamente o peralta eudiabrado, que destemido e valente atira pedras aos nescios e malvados, e quando não pode machucal-os faz caretas que provocam odios de morte.

O lapis do nosso genial Voltolino é uma verdadeira instituição destinada a destruir medalhões, achincalhar Accacios euthronados, cuspir na mediocridade e espesinhar os malvados.

E foi assim que o *Pirralho* se impoz, e apesar de odiado e perseguido pela caterva de imbecis, soube trazer-a num cortado, e foi sempre temido pelas poliqueiros ineptos e sujos, pelos artistas de fancaria e pelos literatos de meia tijella, que infelizmente, nesta terra não raro são incensados.

Mas o dia de hoje não deve ser consagrado á lembrança de coisas tristes, mas sim ás alegrias francas e ás expansões de gaudio.

Antes de mais nada deve o *Pirralho* mandar abraços aos seus leitores e beijos ás suas leitoras e agradecer a todos quantos com a sua collaboração intelligente concorreram para o seu desenvolvimento brilhante e vigoroso.

Mas, o champagne já espouca e o *Pirralho* precisa hoje tomar um pião phenomental, porisso, até sabado, leiores amigos.

CAFE' CONCERTO

Esta sessão é dedicada hoje ao avacalhamento.

Antes porém, impoê-se-nos declarar que a *candura* está com o civilismo. Se não vejam as attitudes dos drs. *Candilo* Rodrigues e *Candido* Motta, os dois João *Candidos* deste movimento politico.

Impressões da nossa politica dadas por dois estrangeiros.

Um portuguez desses que trocam comumente o *b* pelo *v*, de volta do Brasil foi entrevistado em Lisboa sobre a situação.

— Aquillo, disse elle, está uma *vacanal*.

Outro foi um allemão que tendo visitado o Rio de Janeiro, pisava de novo o seu *guerrides Zanda Gatherines*.

— Endong gome fae o goise lá? perguntou-lhe o professor publico da cidade.

— Hé! fez o homem, o bolidiga esdá gome uma marr!

— Borguê?

— Borgause tas *vacalhges* dumulduos.

ses....

Disculpava um pinheirista o avacalhamento geral.

— Meu caro, dizia-me, aquillo foi uma grande medida para resolver a carestia da vida.

— Como?

— Provocando a baixa do preço do leite...

De facto, telegrammas da Europa annunciam que, dada a inesperada concorrência do mercado brasileiro, falliram diversas fabricas de leite condensado.

— As sessões da Camara são uma delicia um *deleite*.

— E' verdade, depois do avacalhamento...

Um homem honesto indignava-se outro dia:

— Oh! mas quanta indignidade neste governo do Hermes, olhe agora o avacalhamento...

— Pois é natural, não é o governo da mamata?

— O eleitorado pinheirista... dizia um sujeito.

— Perdão, eleitorado é civilista, pinheirista é *eleiterado*.

Agora quando morre um deputado, não se diz mais.

— Ha uma vaga. Diz-se:

— Ha uma *vacca* de menos...

Consta que a Camara |vae votar uma reforma do jogo do bicho.

Sò haverá vinte e quatro grupos.

— Mas porque?

— Porque ella não adimite insinuações.

— Sabes porque o Nilo não se avacalhou?

— Porque?

— Porque elle é *cabra*.

Os quatro jongleurs.



O PIRRALHO agradece do fundo do seu coraçãozinho a Amadeu Amaral, Da Costa e Silva, Bastos Tigre, Martins Fontes, Ricardo Gonçalves, Manoel Carlos, Fabio Montenegro, que honram o nosso numero de hoje com a sua collaboração esmerada e intelligente.

Aos collaboradores effectivos, que tambem concorrerem para o successo do nosso numero commemorativo, enviamos igualmente nossos sinceros agradecimentos.



DICIONÁRIO DO HERMES

(editado pelo Pirralho)

Collaboração franceza



Max Goth, o magnifico CONTEUR

LETRA M

Massagem — E' uma porça de massa.

Magestade — E' o rei de algum paiz.]

Magestoso — E' tudo quanto pertence ao rei.

LETRA N

Nababo — E' e sujeito mais rico do mundo.

Nescio — Sujeito que não nasce intelligente.

Nirvana — E' una deusa do tempo da Grecia.

LETRA O

Orrivel — Coisa feia e que dá medo na gente.

Ombriedade — Doença que dá nos ombros.

Omeopathia — Medicina que cura de outro geito.

LETRA P

Plebiscito — Meetinga da plebe a favor de Ruy Barbosa.

Pernada — Ferimento que se recebe na perna.

Padrinho — E' o compadre de baptismo ou de casamento.

LETRA Q

Quarentena — Quando o sujeito chega aos quarenta annos.

Quaresma — E' depois do carnaval.

Quejando — Sujeito que fabrica queijo.

LETRA R

Rifão — E' uma rifa grande.

Regalia — Coisa que só o rei pode fazer.

Regenerado — Sujeito que nasce duas vezes. Não sei porque chamam o Mario de regenerado.

LETRA S

Salomé — A mulher de Salomão.

Salameleque — Nome de um turco muito celebre.

Sardonico — Sujeito que come muita sardinha.

Saltimbanco — Pessoa que salta nos bancos.

LETRA E

Tragedia — Coisa que se dá no lar e onde morre gente.

Truculento — Pessoa que joga bem o truco.

LETRA U

Urdidura — Coisa que dá muito trabalho.

Urubú — Chi ! Dizem que é o Wenceslau.

LETRA V

Variola — Doença pegajosa.

Violaceo — Homem que toca viola.

Viração — Coisa que faz virar a cabeça.

LETRA X

Xispa — Coisa que queima a roupa.

LETRA Z

Zanga — Briga que não é muito seria.

O assassinato do jornalista Chacón, em Pernambuco, foi o complemento do acto de solidariedade que o sr. Dantas Barreto manifestou, fazendo comparecer Pernambuco á convenção do P. R. C.

Nem se comprehendia a adhesão do *cão do Norte* só por palavras.

Agora o seu acto completou-a. O sr. Dantas está de facto reincorporado no herismo.

Bebê

Então quer mesmo um concurso de belleza masculina? Porque não manda dizer tambem quem quer que ganhe?

O *Pirralho* quem sabe se não cabala pna uma amiguinha insupportavel como é a Bebê?

Com que então, mademoiselle anda zangada com o «Pirralho...»

Não tem razão, entretanio, porque todos os votos apurados em nosso concurso de feiura são enviados a esta redacção e si mlle duvida da nossa palavra poderá chegar até cá, que estamos promptos a mostrarlhe um por um os votos que teem o nome do seu idolatrado.

Mlle dar-nos-á a hora da sua visita?

Estamos sempre ás suas ordens.

A FONTE DE JACOB

(Inedito para o "Pirralho,,)

Na velha Samaria era Sicar situada;

Ora, em Sicar, Jacob, filho de Isac, um dia,
Velho já, tarda a mão, á sua gente amada
Uma fonte rasgou d'agua limpida e fria.

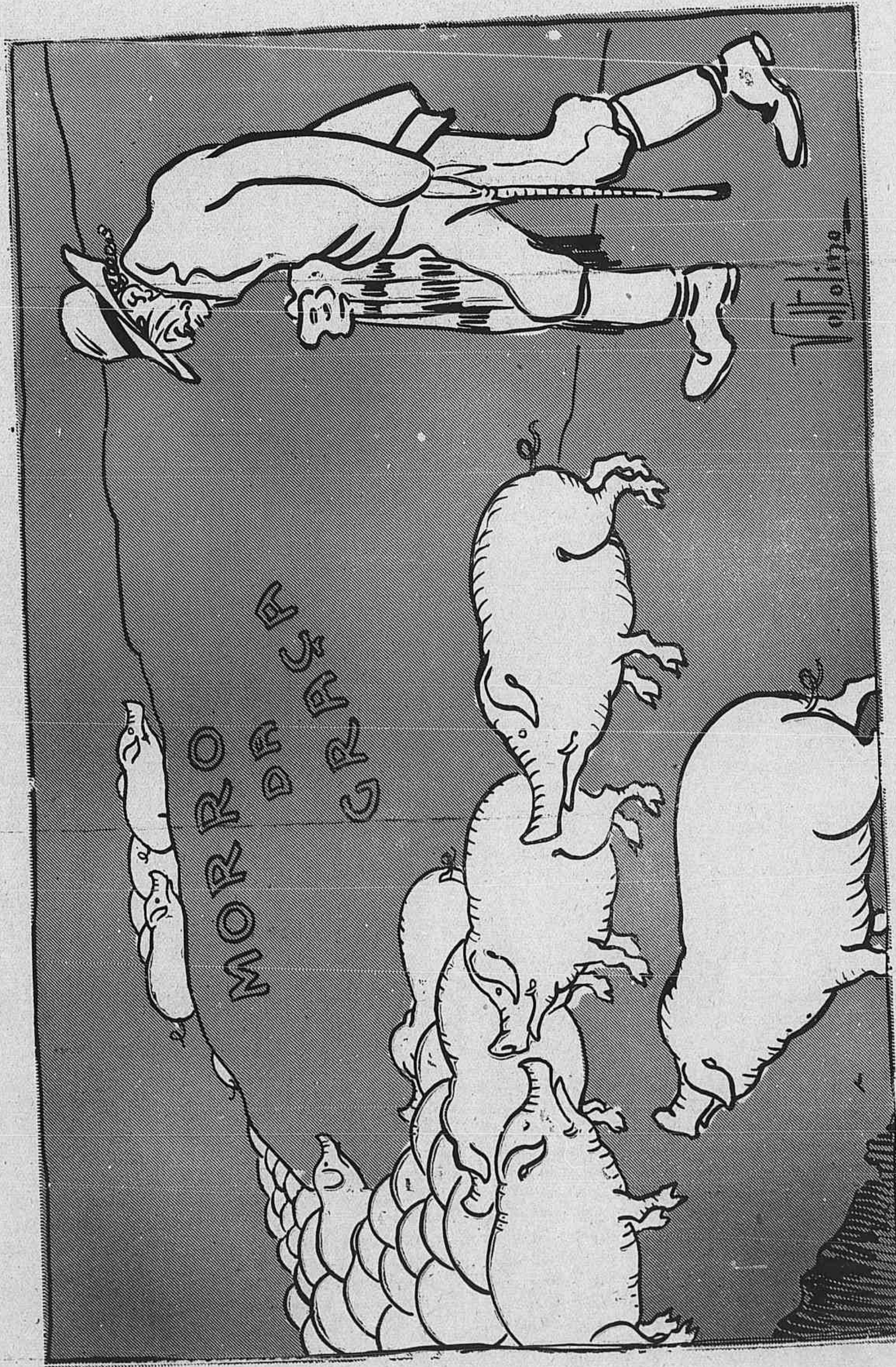
O Mestre, certa vez, á borda abençoada,
(No tempo de Jesús a fonte inda existia)
A' hora sexta quedou-se, a fronte angustiada
De dor, a ver passar gentes de Samaria...

Uma Samaritana, acaso, a fonte veiu;
E ao passar por Jesús, com o seu cantharo cheio,
O alto busto ondudou numa graça lasciva...

— Agua ! pediu Jesús, mata-me a sede e a magua !
Do cantharo, que tens, dá-me uma pouca d'agua,
Que, em troca, eu te darei da fonte d'agua viva...

Francisca Julia da Silva

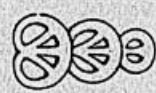
A SITUAÇÃO



Falam de avacalhamento — emporcalhamento é o que é



NATUREZA CARIOCA



(INEDITOS PARA O « PIRRALHO »)

I

“ Tijuca „

Plena floresta. O sol apenas se insinua,
como uma restea de ouro, através da ramagem,
E' lá embaixo, distante, o nevoeiro fluctua
numa gase de luz suavizando a paisagem.

Um aroma de seiva anda no ar, corre, actua
em nós, enlanguecendo os sentidos... A aragem
passa... Sente-se a agua e apenas se ouve a sua
doce, abafada voz no meio da folhagem.

Sente-se a agua a correr sonora e crystalina,
aqui, numa cascata, onde a luz vibra, ardente,
e ali, num subteraneo, a escoar-se em surdina,

nessa ancia que a tortura, a correr, pressurosa,
fugitiva, subtil e mysteriosamente,
dentro da matta escura e doce e silenciosa...

II

“ Copacabana „

Fôra da barra... Un dia esplendido e vibrante,
cheio de luz no céu e de rumores no ar.
O oceano é todo azul, o saibro rutilante...
Longe, uma vela... Alem, gaivotas a voar...

A' esquerda, ergue sombrio o seu perfil gigante
o Pão de Assucar... Geme a eterna voz do mar...
Vem de longe o rumor da cidade distante
e eu me fico ora a monte, ora o oceano a fitar...

As ondas vão e vêm... beijam a praia... esfrolam
a arela humida e, após, em grandes vagas rolam...
Tornam a ir-se ao largo e tornam a voltar.

E inconstantes, sensuaes, já meigas, já furiosas,
ora na praia vêm adormecer, morosas,
ora contra o penhasco a espuma vão quebrar...

III

“ Laranjeiras „

A' hora doce em que a luz, como que enfraquecida,
tem espasmos subtils, longos e sensuaes,
e um mixto de saudade e magua indefinida
entra na alma dos bons e dos sentimentaes,

Como eu te amo o silencio e a calma recolhida,
iludo bairro fidalgo, onde ha tradicionaes
suggestões do passado e de outra antiga vida,
de epocas que se vão e que não voltam mais!

Laranjeiras... Teu nome evoca docemente
não sei que suggestões!... E á tardezinha eu busco
teu silencio solemne, immenso, absorvente.

E's só para ser visto a essa hora de sonho
em que se extingue a luz e ao doce lusco-fusco
succede o luar subtil, nostalgico, tristonho...

Rio, 1913.

José de Mesquita

LE MIROIR

(Inédito para « O Pirralho »)

Tout le jour, il s'était senti la tête pesante; en essaims
drus, les idées semblaient y bourdonner. Il dut se mettre à la
table de travail. Il posa son menton sur ces mains réunies et,
l'oreille attentive aux voix du silence, il attendit. Bientôt, des
profondeurs obscures de lui-même, l'inspiration monta, lueurs
imprécises puis nettes et qui s'ordonnèrent, emplissant son cer-
veau de clartés et de musiques.

Maintenant, ses yeux plus grands suivent, avides, le vol
soudain apparu des petits mots noirs qui turbillonnent, prompts à
fuir quand l'esprit les veut saisir. Mais le poète veut, quand
même, sculpter dans la riche matière verbale, les images que le
sourd travail de sa chair agrègea en lui. Brusquement, avec une
sorte d'ivresse rageuse, il crispe ses doigts au porte-plume et voici
que, sur la feuille blanche, les petits mots captifs et palpitants
se débattent. La phrase mal venue, manque de souffle, halète, ex-
pire. Plus ardente, la lutte reprend, devient charnée: tantôt les
mots, rangés en théories serrées, laissent fuir l'idée, enclose
comme un parfum subtil; tantôt l'idée trop haute, trop fluide, se
dérobe à l'attente des vocables les plus souples, les plus légers.
Le poète, en bon ouvrier, ne se deçoit pas pour si peu: il s'opi-
niâtre; mais, à la longue, ses nerfs, surexcités, agacent ses mus-
cles, les tirent en tous sens. Ils vont, s'il ne résiste, provoquer
en tout son corps, des contractions, des contorsions démentes. Il
le sait, il ne sait plus que cela, il ne pense plus qu'à cela.

Quand vint le soir et ses effluves d'ombres chaudes, il eut
peur: alors il se sentit vaincu. Péniblement, il leva la tête; sa
nuque, ankylosée, lui fit mal. Tout de suite, ses yeux furent atti-
rés par la tâche lumineuse que faisait, sur le mur sombre, un
miroir où s'accrochaient les derniers reflets du jour mourant.
Mû par une invincible attirance, il se leva, s'en approcha et
s tant penché, voici ce qu'il vit: seules les parties saillantes de

son visage, front et pommettes, caressées de clarté, émergeant de
l'ombre où s'estompaient la bouche naïve, les yeux profonds. Son
front, tout en blancheur, fit qu'il pensa au miracle du premier
plan osseux surgissant de la nuit chaotique. Il frissonna, ayant
soudain eu conscience des forces innombrables et coordonnées qui
durent pétrir la matière originelle pour en faire une face hu-
maine, amas de chairs nerveuses, nouées, où s'inscrivent en traits
profonds les splendeurs et les tares de toute la race. Il songea
aux mystères de la vie, de la mort. Confusément, il sentit autour
de lui, la vibration infinie des atomes et il sut que des courants
plus puissants, plus hauts que sa volonté, portaient en germes
ses actions, ses pensées futures: il eut peur de l'inconnu de son
âme éparse dans l'univers. Cependant, la nuit, peu à peu, en-
vahissait la chambre; et le miroir, à mesure, allait s'obscurcis-
sant, s'approfondissant à l'infini: l'homme, angoissé, cherchant le
visage de son destin, se courbait, se penchait sur un gouffre de
ténèbres, au fond duquel il n'apercevait plus que, fixe, la double
lueur énigmatique de ses yeux.

Un frisson de folie lui glaça les moelles. Il restait, immo-
bile, pétrifié d'effroi, tout l'être rivé à la vision. Or, la vie chan-
tait sa chanson âpre, au long des rues. Toutes les voix de la
ville vibraient aux vitres des fenêtres. Il crut lâchement qu'il
noierait la trop nette lucidité de sa conscience dans la grande
inconscience des multitudes: il sortit, vers les hommes.

Et voici que, dehors, il n'eût plus la même âme. Il régla son
pas selon le rythme immense scandant la symphonie du faubourg.
Un incident banal l'assimila à l'un des groupes innombrables,
sitôt évanouis qu'aggrégés, dont la vie d'une foule se compose.
Impressionnés par un même fait, des hommes, en cet instant,
pensaient ce qu'il pensait: cette communion lui fut douce. Il se
laissait aller, à la dérive. Il ne savait plus rien de lui-même.
L'âme chantante de la ville — morne et lente au long des trot-
toirs, vibrante, tourmentée, aux carrefours violents — commandait
le mouvement de son corps.

Dans une rue déserte où toute rumeur s'était tue, il se
laissa reprendre par sa vie; sa conscience, en lui, remontait, aube



Ilustração do artista Paris'ense Scalup, para «O Pirralho»

Max Goth

«*Le Miroir*» é o título de um magnífico canto de Max Goth, o brilhante escriptor francez, que inicia hoje a sua colaboração na nossa revista.

Possuidor de um grande talento, Max Goth, embora muito moço ainda já revela qualidades extraordinarias que farão delle um dos mais perfeitos *conteurs* da nova geração franceza.

Parabens, portanto, aos nossos leitores por mais esta bella aquisição.

Gli intellettuali dopo il
77 FUMANO IL 69

Collaboração franceza



Gabriel Revillard, o chronista brilhante

triste. C'est alors qu'il lut, sur une façade illuminée de clétars crues, le nom sonore d'un music-hall. Il voulait l'oubli de soi-même : il entra.

Murs bariolés de bleu et d'or, parfum fade des agglomérations humaines, musique aigrette perçant le fatras sourd des bavardages, fumée âcre du tabac, tout cela fit que les fibres violentées de son être sensible se rétractèrent. Fuir ! Mais la tiédeur de l'athmosphère amollissait ; l'orchestre délayait un thème facile, en fastidieuses variantes ; la chair des femmes exhalait une senteur sucrée : il dut rester. Soudain, les violons préludèrent, langoureux, pâmés. Puis, sur la scène ruisselante de clartés magiques, une femme mit l'enchantement de sa marche onduleuse. Et, comme elle souriait, il se fit, dans le cœur de l'homme triste, un vaste apaisement. Demi-nue, elle dansa dans la lumière blonde, elle asservit la souplesse de son beau corps docile aux rythmes impérieux des musiques ; les sonorités, montant des basses lourdes aux agiles petites flûtes, parcouraient l'orchestre comme un frémississement voluptueux. Et toute la foule n'était plus qu'un corps, un cœur, hanté d'un grand amour humble et farouche que la danseuse, au frêle corps caressait, exacerbait, apaisait, torturait selon son gré. Tout-à-coup, la danse se fit plus vive, comme enflammée par l'ardeur sauvage des désirs fous suscités par elle et, bientôt, ce fut, dans un tourbillon de dentelles, de chair nue, de sons, de couleurs, la fuite éperdue d'une femelle vers les coulisses. Alors, dominant le crépitement des bravos, un cri barbare, puis un râle tendre montèrent des poitrines. Et l'homme, de nouveau repris par la foule, trépidait, criait avec les autres sa joie désespérée.

Après quelques accords stridents proférés par les cuivres, sans transition, vint le «comique». C'était un grand diable, court vêtu, chevelure hirsute, bouche au blanc gras, nez brique ; il gesticulait, mimait odieusement l'acte d'amour en glapissant d'une voix grêle :

Mesdames, j'ai z'une fleur
Pleine de sève printanière
Pour mettre à votre boutonnière,

Et toutes les «Mesdames» de la salle riaient de la gorge sans savoir que leur rire faisait mal à un homme qui souffrait d'être sans amour ; à chaque nouveau couplet on faisait silence, pour ne rien perdre des paroles obscènes ; mais, lui, n'entendait plus que, continu, inextinguible, le rire atroce, le rire femelle, agressif et doux, irritant délicieusement son sang mâle.

Pour mettre à votre boutonnière...

Le Pitre navrant quitta la scène, mais le refrain devient obses-

sion. Cela bourdonnait aux oreilles, inlassablement, et tout l'être v.brait selon des rythmes, des sonorités canailles.

Mesdames, j'ai z'une fleur...

L'homme eut une idée fixe : se lever soudain, le hurler, se rasseoir — avec un grand rire... Il eut peur de ne savoir résister ; il sortit. Et, dehors, ce fut d'une iroquie cruelle. Titubant, ivre de navrance infinie, il chantait :

Mesdames, j'ai z'une fleur
Pleine de sève printanière...

Il allait, songeant à sa douceur méconnue, au besoin qui le torturait, de donner, de recevoir des caresses ; il allait, songeant à tout ce qui gémissait en lui, pauvre et seul, de tendresse contenue, de printemps...

Pour mettre à votre boutonnière...

Et s'étaient d'affolantes visions : croupes tendues, seins gonflés, cuisses charnues, chevelures dénouées ; un désir rouge mordait sa chair, un sang âcre brûlait ses veines...

Au fond d'une rue sombre, une lanterne projette sa clarté versicolore...

Sans savoir pourquoi ni comment, il était dans une chambre, une femme était nue. Et voici que, devant ce triste corps, il n'y avait plus en lui de désir ; il n'y avait que de la pitié et de la honte. Mais tandis que, lui, songeait à la douceur de se dire, eux deux, leurs détresses si dissemblables, de verser, peut-être, sur elles les bonnes larmes mutuelles, la fille, qui ne savait pas, qui ne pouvait pas savoir, raillait déjà. Il eut peur du ridicule. Il se résigna.

Trois heures du matin. Effroyablement seul dans la rue grise et longue et triste. Son pas sonne étrangement dans le silence. Parfois, il s'arrête ; il écoute, il regarde vivre les choses muettes ; puis il repart, ne pensant plus qu'au bruit monotone de sa marche.

Il arriva ainsi à sa porte, sans avoir trouvé l'épaule amie où poser sa tête douloureuse, sans avoir versé les larmes chaudes, apaisantes comme la pluie d'orage.

Il regagna sa chambre, se pencha sur le miroir, revit la double lueur, immuable, fixe.

Or, dans le jour naissant, la vie avait repris sa chanson âpre, au long des rues. Il ne pensa même pas au suicide. Il attendit, passif, les ordres de son destin.

Max Goth.



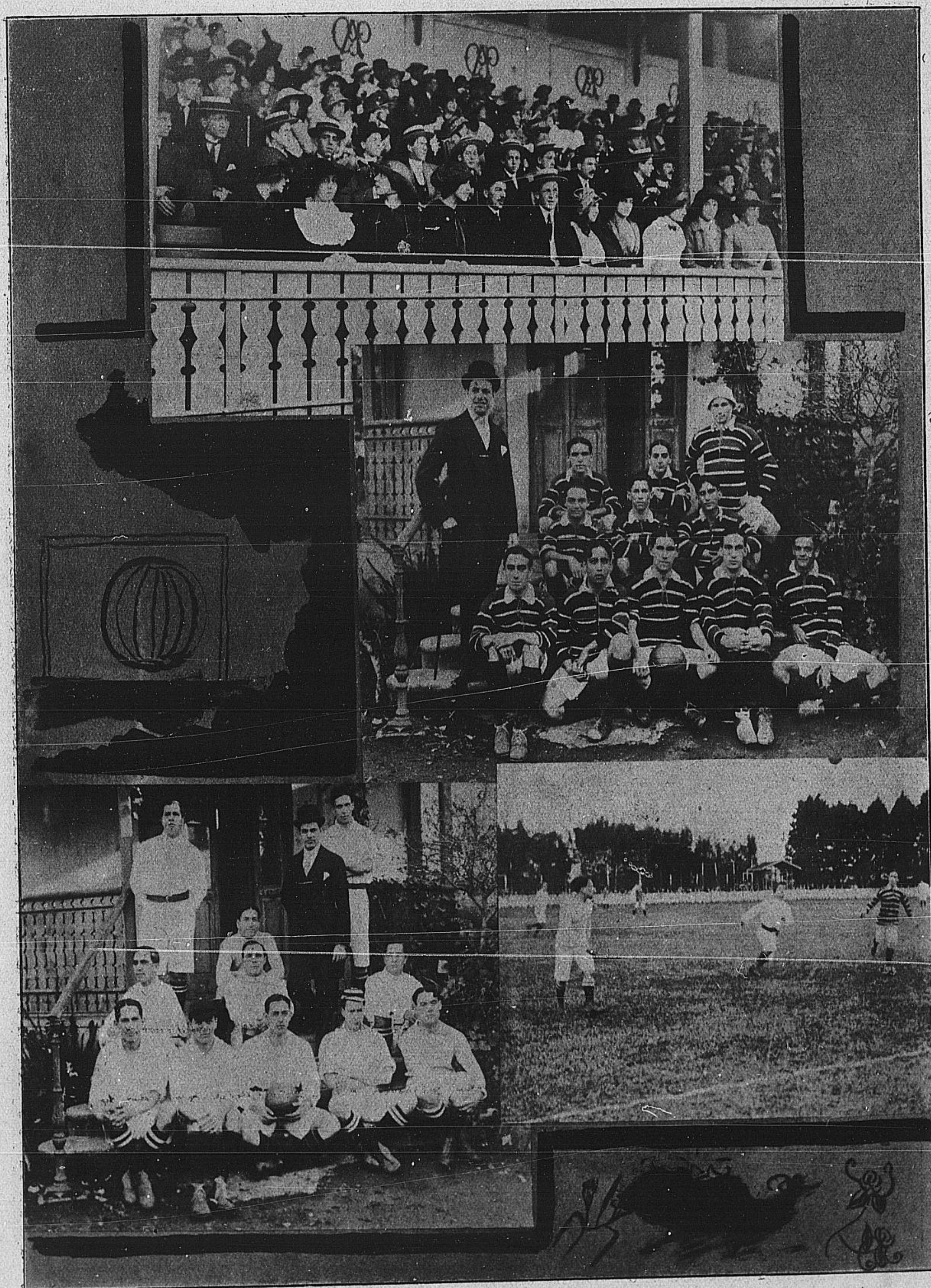
As festas de 11 de Agosto



Diversos aspectos apanhados pelo *Pirralho* antes, durante e depois da sessão solenne realizada no salão nobre da Academia

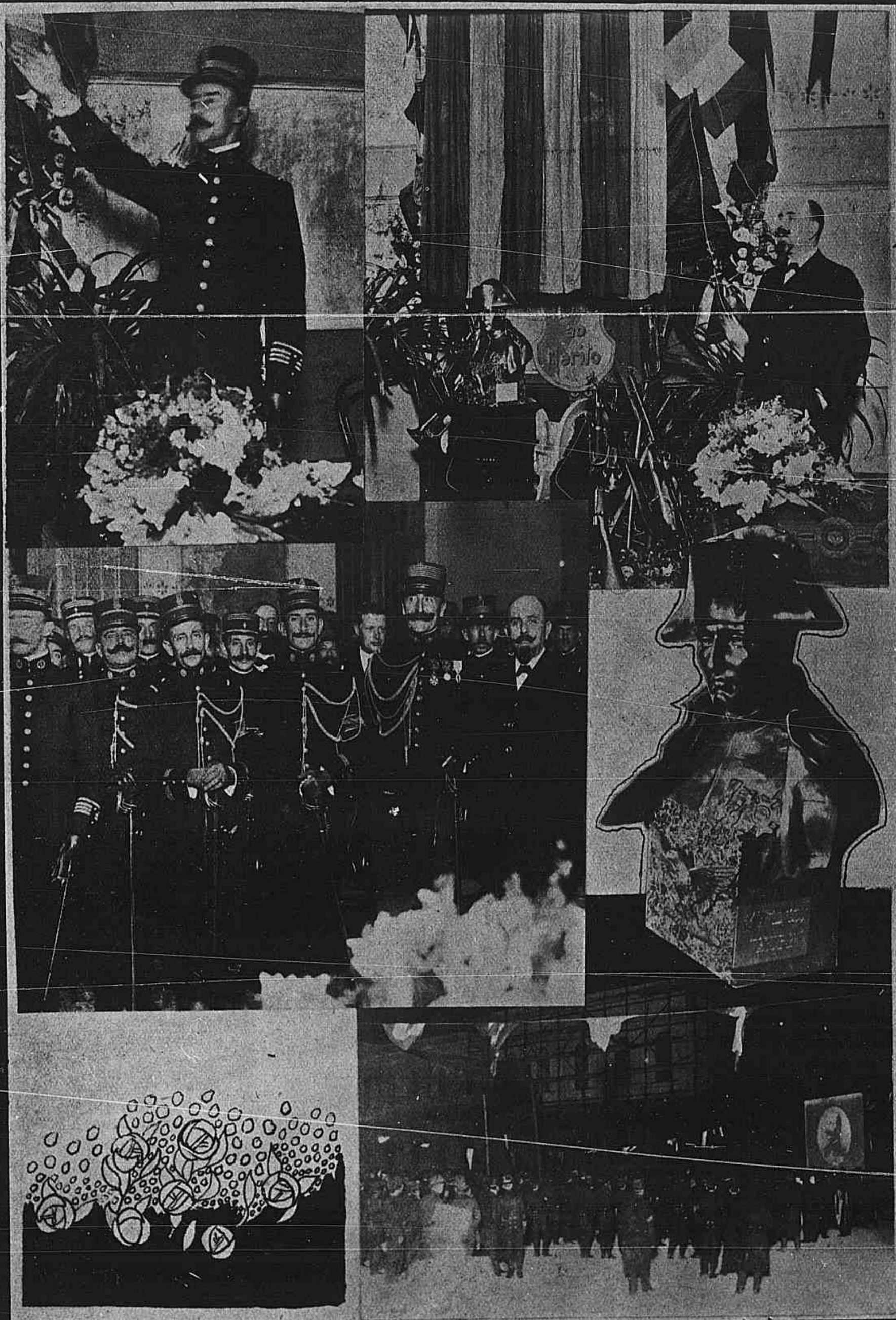


AS FESTAS DE 11 DE AGOSTO



Diversos aspectos da festa sportiva realisada no Velodromo, domingo ultimo

Na Força Publica



Em cima, de um lado, o dr. Sampaio Vidal, quando saudava o coronel Balagny e de outro lado o major Carvalho Pinto que em nome da Força Publica fez a entrega do busto de Napoleão ao distinto official francez.

Em baixo. Inauguração official do cinema ao ar livre.



Os Elephantes

(Leconte de Lisle)

O areial infinito é como um rubro oceano,
Que resplandece, mudo, em seu leito espraído.
Ondula immoto o ceu cõr de cobre, do lado
Do horizonte em que habita o formigueiro humano.

Nem rumor e nem vida... O leão farto descansa
No antro afastado, em meio aos mattagaes infindos,
Vai beber a girafa esguia á fonte mansa,
Que a panthera conhece, ao pé dos tamarindos.

Dorme tudo. Siquer um passaro no ar quente,
No ar em que gyra um sol de fogo, um sol em chamma.
A's vezes, com volupia adormida serpente
Faz ondular, morosa, a rutilante escama.

O ar inflammado queima. O calor é mais denso.
E, bamboleando a massa, intrepidos viajantes,
Rumo do ermo natal pelo deserto immenso
Vão-se, num bando escuro, os tardos elephantes.

Vêm elles do horizonte ensanguentado e quieto...
Vêm levantando o pó, que em nuvem grossa ondeia,
E' para não sahir do caminho mais recto,
Desmoronam com a pata os comoros de areia.

Velho chefe, talvez, é o que á frente caminha;
Rugosa como um tronco a pelle do seu dorso...
E' um rochedo a cabeça; o arco immenso da espinha
Dobra-se com violencia ao mais pequeno esforço.

Os passos não estuga e tambem não lardeia
Que os passos pelos delle o bando inteiro marca,
E, deixando após si fundos sulcos na areia,
Seguem todos, atraz do velho patriarca.

Seguem, levando a tromba apertada entre os dentes,
As orelhas em leque. O ventre bate e fuma...
E o suor delles produz uma ligeira bruma
No ar cheio de tavões e de insectos ardentes.

Mas que importa a sêde e o calor causticante?
Que lhes importa o enxame importuno que esvoaça?
Vai o bando a pensar numa selva distante
— Primeira habitação da primitiva raça. —

Vae rever uma selva umbrosa o escuro bando...
E a caudal em que nada o hyppopotamo enorme,
E onde, brancos de luar, iam beber, quebrando
Os juncos marginaes com a grande pata informe.

La vão... e a linha escura e phantastica ondeia...
Lá vão elles, molgando as juntas, lentamente,
Mas passam... e depois fica immovel a areia,
Passam... e depois fica o deserto sómente.

Ricardo Gonçalves.

INVERNO

Outr'ora, aqui, os passaros, em cõro,
Tinham canções originaes e claras,
Desde que o sol, abrindo a ampla corolla de ouro,
Dourava os montes e dourava as searas.

Picavam fructos e, tecendo ninhos,
Iam-se, aos pares, para todo o lado,
Entre anceios de amor, ruflar de aza, e carinhos,
Numa alegria immensa de noivado.

Cada ave, cada insecto, cada rosa,
Plantas e seres, tudo, enfim, quizera
Que sempre a vida assim promanasse, gloriosa,
Do coração em flôr da primavera.

A agua mansa do rio, a matta, o campo,
Varzeas, troncos viris, longas ravinas,
Ao baptismo do sol no alto do céu escampo,
Tinham aromas fortes de rezinas.

E o camponez, feliz, confiadamente,
Esperava que ao chão, fertil e enxuto,
O broto viesse enfim de dentro da semente
E deste a planta, e desta a flôr e o fructo.

E hoje, com o inverno, ao sol doentio, a vida
Não prolifica e a geada mal supporta.
E a alma das cousas chora, exhausta e commovida,
Todo o esplendor da primavera morta.

Os passaros se foram; nos pomares,
Nas sebes, nos vergeis, entre as sombrias
Arvores, e na terra e em tudo, andam pezares,
Ais, e soluços e melancolias.

E' a saudade da vida! uma saudade
De luz, de encanto e amor, seiva e fartura,
Que as cousas entra e anima, e toda a fibra invade,
De um desejo que attrae e que tortura.

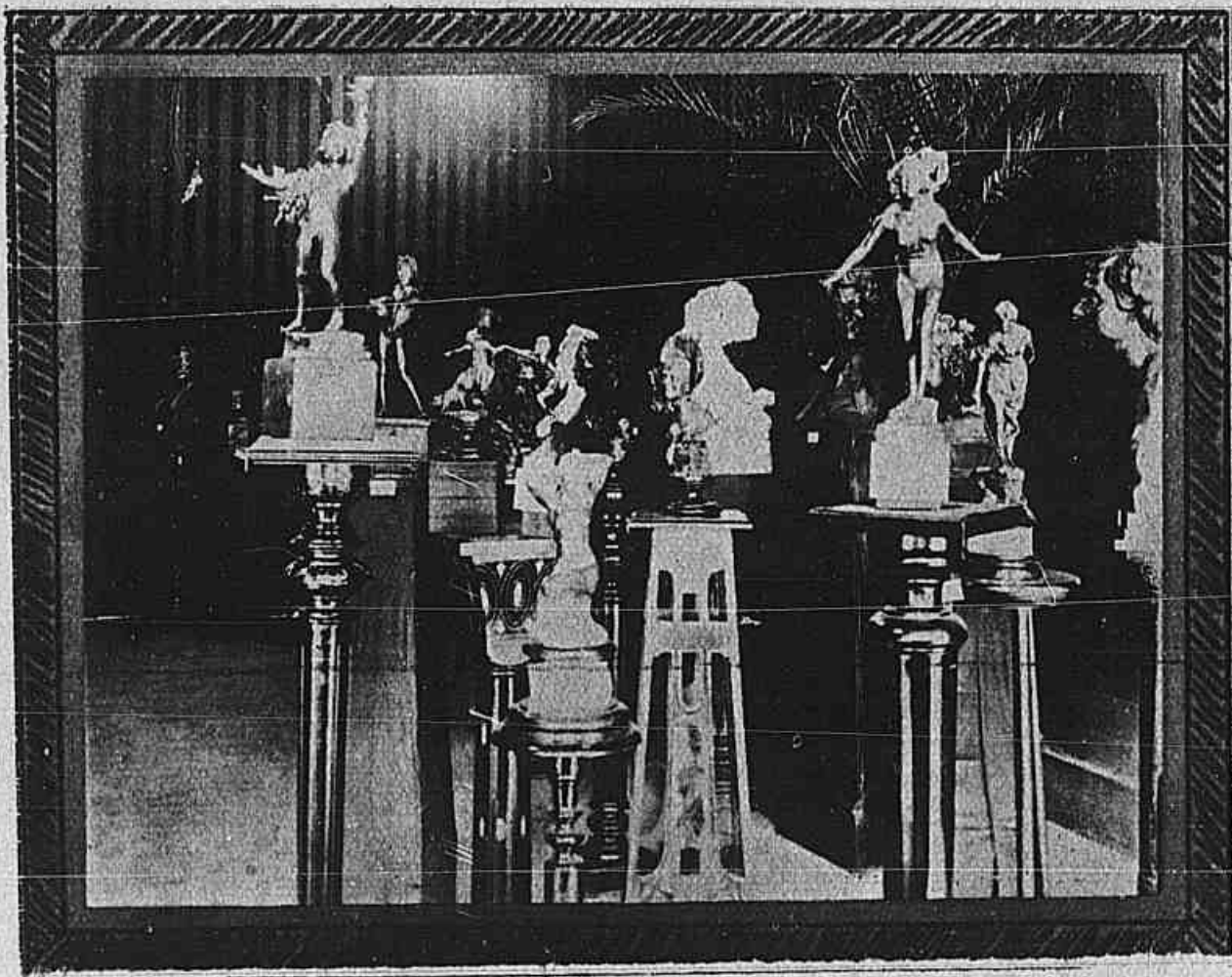
Solidão, solidão! Folhas e flôres,
Rolam seccas na poeira. O vento ullula.
Cae a neblina espessa, e, entre secretas dores,
Como que tudo se desarticula. . .

E á tarde, assim no inverno, a quando e quando,
De nostalgia e dor tenho a alma presa,
E invejo os bois que, ao longe, andam fiiiosofando,
Dentro da immensa paz da natureza!

Julho de 1913.

NUTO SANT'ANNA

Exposição Julio Starace



Diversos trabalhos do lahureado esculptor

Onze de Agosto

Revestiram-se de grande brilhantismo (como diria o Pipoca, empregando a velha chapa) as festas promovidas pelo Centro Acadêmico XI de Agosto, commemorativas da fundação dos cursos juridicos no Brasil.

Houve sessão solenne na Academia, beberete na Antarctica, *matinées* dan-sante no Conservatorio, espectáculo de gala chá no Guarany e finalmente a tradicional romaria á herma de Alvares de Azevedo.

Em tudo reinou grande alegria e cordialidade.

O prof. Reiss realisou uma brilhante conferencia no salão nobre da Academia, sendo ahi saudado pelo talentoso academico Dólor Brito Franco, que proferiu uma bellissima allocução.

No salão do Conservatorio dansou-se e ouviu-se o meigo e impecavel poeta Ricardo Gonçalves, que recitou versos maravilhosamente.

A distincta srta. Vera Paranaguá tambem recitou versos com muita delicadeza e expressão.

Emfim, o programma da festa foi executado com capricho e brilhantismo.

Parabens, portanto, á directoria do «Centro A. XI de Agosto».



Exposição Julio Starace



Outro aspecto da exposição em que se vê o esculptor

Naquella tarde deliciosa de quinta feira, mlle. passeava toda orgulhosa e ativa. Tinha razão mlle., porque de facto obtivera uma victoria gloriosa. Conseguir que o papá, que se babava por *monsieur X*, o expulsasse de casa com energicas e intempestivas frases, foi deveras uma victoria, que mercee ser registrada na chronica da nossa sociedade chic. E foi uma lição magnifica que servirá de exemplo a futuros embusteiros.

Parabens a mlle. e ao papá tambem.

O nosso distincto amigo dr. Mello Nogueira teve a gentileza de nos enviar um cartão de despedidas. O preso moço paulista parte para a Europa, em nova excursão,

Os garçons promoveram no sab-uma bella festa no salão do Conservatorio.

Convidado *O Pirralho* lá esteve e divertir-se á grande,

Sabemos que Cornelio Pires está aguçando a penna para satyrizar os nulos e enfatuados, quer, da politica quer da imprensa. Será um poemeto em continuação do «*Monturo*» no mesmo genero.





L'âme des foules

II

Le Manège sur la place

(Inédito para *O Pirralho*)

Dans la mélancholie hâve des quartiers noirs, le manège blanc et rouge, irradié du stras de sa verroterie, flambe ainsi qu'un brasier de désirs exaltés. Il est tout semblable à la ballerine pitoyable qui anime de son tournoîment frénétique la crapuleuse scène d'un music hall...

Autour de sa jambe d'acier, le manège électrique brasse aussi l'intrépide folie des soirs. Il appelle, de toute la voix rauque de son orgue, de toute sa fulgurante giration, les timides réprouvés de l'Amour, les pauvres honteux de la Volupté!

Et, par bandes, les humbles godelureaux, les mièvrès crâneuses accourent du faubourg réchauffer leurs espoirs engourdis à l'ardent buisson de faux luxe et de gaîté macabre...

Regardez les, rôdants, désemparés, dans sa lumière blafarde et brandissant des gestes fous! L'immense désir part des cœurs, impulse les bras et enroule un serpent d'un sou au buste flexible des filles ou s'éparpille en pluie multicolore de confetti. La détresse forcenée des mâles se raccroche à des œillades bêtes, à des coins de chairs incendiés. Toute une effervescence banale se noie dans un remous de foule comme une joie d'ivrogne dans un vomissement!

Ainsi, la plus lamentable inconscience préside, là aussi, aux accouplements de demain: Il y a le beau brun frisé qui désigne par surcroît, une cravate avantageuse; l'autre à la chaîne d'or sur le gilet de velours pourpre; celui dont quelques pièces trébuchent dans la poche; tous ceux-là qui lancent beaucoup de serpentins... Il y a la molle blonde vissée pendant plusieurs tours successifs sur le manège; la noire crêpue avec sa jupe troussée par dessus des bas violets; cette petite à la bouche gouailleuse et aux tétons pesants d'amour...

Mais tous, mes tutes, virent dans la crasseuse rutilance des glaces et des laques sous les globes. Ils virent surtout dans l'indigence emphatique, la gloriole mesquine, la bacchanale piteuse, le vice étioilé. Ils virent, ils virent jusqu'à l'immonde et douce soûlerie d'oubli!

Ils sont si pauvres de Bonheur qu'ils viennent — oui! — aujourd'hui, le chercher là comme ils iront le chercher demain au cinéma, au cabaret ou au bordel!

C'est pourquoi, sans doute, tel un beau cœur enfiévré de tous leurs espoirs, le manège, abruti de vitesse électrique, s'arrête pour vomir ses rancœurs d'humanité stupide... puis repart follement, inlassablement!...

Gabriel Reuillard.



Illustração de Scalup

A instrução franceza



O sympathico col. Balagny

JULHO

(Em Botucatú)

Julho começa. A louca ventania,
dia e noite a bramar se desenfrena,
cá neste alto de serra triste e fria,
e a paisagem sem dó já desordena.

O Sol, tristonho, aos poucos allumia
a terra triste — de tristeza plena —
e logo á tarde morre, e na agonia,
á tortura do frio nos condena!

Anda a mexer com as arvores o vento,
e de leve nos toca na vidraça,
como signal da amante de um ciumento...

E o vale, suffocado de fumaça,
das aves guarda em seu esquecimento,
toda a sede de Sol, toda a desgraça.

C. PIRES



NOTAS DE ARTE



A tipie dramatica Eugenia Burzio, que cantou no Polyteama com o celebre tenor Zenatello e que ultimamente triumphou em S. Petersburgo.

Voz interior

Ao Leal de Souza

Quem sou eu? De onde venho e onde acazo me leva
O Destino fatal que os meus passos conduz?
Ora sigo, a tactear, mergulhado na treva,
Ou tacteio, indeciso, offuscado de luz.

Grão no campo da Vida, onde a morte se ceva?
Semente que apodrece e não se reproduz?
De onde vim? da monéra? ou vim do beijo de Eva?
E onde vou, afinal, a sangrar, de pés nús?

Nessa esphinge da vida a verdade se esconde
O espirito concentro e consulto a razão
E uma voz interior, sincera me responde.

Quem és tu? Operario honesto da nação.
De onde é que vens? De casa. Onde é que estás? No bonde.
Para onde vaes? Não vês? Para a repartição.

BASTOS TIGRE



Maria Farneti, a eximia cantora, que aqui esteve com Mascagni e que brevemente trabalhará no nosso Municipal.

Foi ella que interpretou con grande successo no Colyseo de Buenos Ayres, o papel de Abul da opera do maestro Nepomuceno.

A UM VELHO POETA



Assim vieste, assim vais, oh Poeta, pela vida,
Nessa doce loucura, alheio a tudo o mais. . .
Não sabes a extensão da estrada percorrida,
Nem sabes de onde vens, nem para onde vais.

Cantas! Cantas o amor. Tua voz commovida,
E' pura e natural como os bons mananciaes.
Mais de uma alma te amou, sem te ser conhecida,
Como se amam somente os deuses immortaes.

Aves tardas, reptis, bichos de aspecto enfermo,
Que o teu canto acordou vibrando os écos do ermo,
Seguiram-te a raivar. Mas raivaram em vão.

Desces a ultima encosta: e inda essa voz amiga
Sôa, ao longe, ensaiando uma nova cantiga,
Na graça juvenil de uma nova illusão. . .

Amadeu Amaral



Os nossos instantaneos



Dia de anniversario

«O Pirralho» fez annos hoje. Dois annos, a idade em que a creança se extasia em plena illusão da vida «O Pirralho» porém, que já nasceu velho, não vae n'essa onda. Sobre politica, por exemplo, é um desilludido. Sobre finanças tambem. Sobre intransigencia, quasi.

E sobre a sua importancia, era até hontem, mas hoje, accordou-o a alvorada festiva que a força publica,



cumprindo ordens, foi executar em frente á sua casa.

Estreminhado de somno, esfregando os olhos, o «Pirralho» chegou a sua



sacada e sorria — Olá !

A musica parou. De redor, na rua 15, havia *bodauds*. Então, avançando do grupo militar, o tenente Rocha, o popular «tenha a bondade», leu o se-



guinte discurso ;

«Illustrissimo Pirralho

Eu, em nome da força publica que humildemente represento, quero vos saudar, hoje, por occasião do vosso glorioso anniversario,»

— Muito bem ! Bravissimo, grita-



ram os musicos agitando os instrumentos.

O alferes continuou :

«Pirralho ! vós sois a alegria que saltita nas vossas paginas, alegria que vira e cambóta !

(muito bem ! Muito bem !)

E nós, se bem que pareça aos que mal nos conhecem, que a nossa missão é triste, nós somos alegre, nós os mantenedores da bella jovialidade que agita o triangulo.

Nos mandamos circular, e circular quer dizer agitar-se, dar vida ao corpo e expansão á alma.

Nós pois somos dos mais fervorosos admiradores da vossa «verve». Pirralho ! E hoje, dia em que fazeis dois annos, nós vos saudamos.»

Reinou silencio. Silencio de gente que espera resposta.

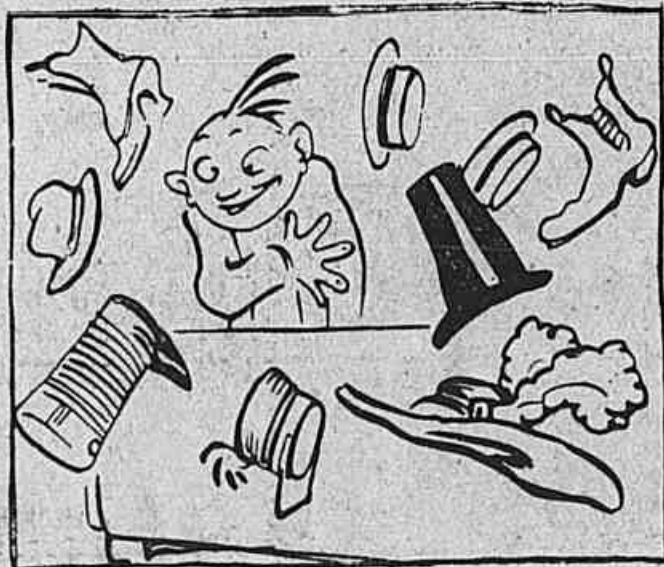
O Pirralho então gesticulando, começou :

«Soldados ! Força Publica ! Banda de Musica ! Tenente circulador !

Eu ha pouco sonhava com uma destas radiosas felicidades que são o carinho colectivo, promovido a um triste mortal pela gratidão de uma massa, A vossa alegre fanfarra foi a ponte lançada sobre a vulgaridade do real, e por onde, eu deixando o deslumbramento do sonho passei ao deslumbramento da vossa manifestação !

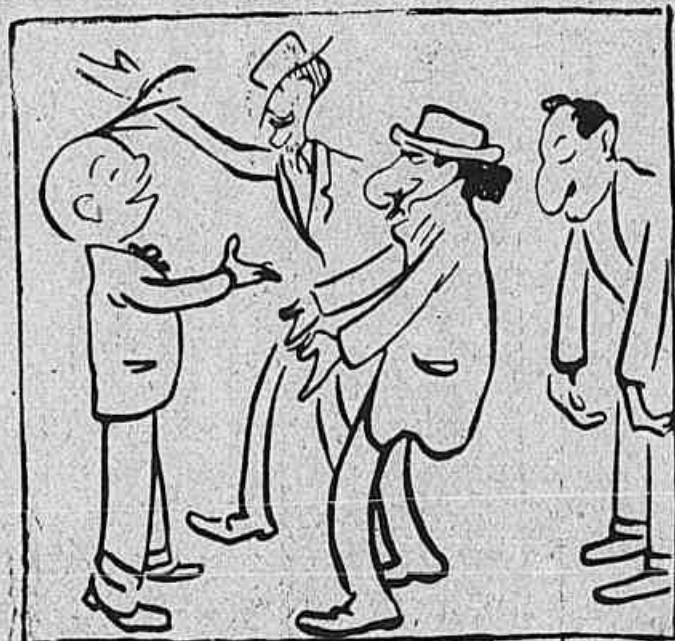
Eu vos sou por isso immensamente agradecido, e como me sinto cansado das emoções que me acabaes de dar, peço-vos licença para terminar lembrando para dar a nota, um trecho da Caraboo !»

Muito bem ! Viva o Pirralho, viva a força Publica ! Viva o Caraboo !



E sem mais a fanfarra rompeu na Caraboo, acompanhada por um coro tremendo de populares.

E partiu a manifestação ao som da Caraboo, levantando chapéus, instrumentos, braços, hurras !



■ O Pirralho agradecia, sinceramente tocado na corda sensível.

Durante a manifestação já a sala do Pirralho fora invadida pelos amigos mais intimos. De modo que, quando o Pirralho deixou a sacada,



encontrou o Correa, o maestro Anghinelli, o Chico Biscoito, o Carlos Cuoco, o Pedrinho e mais um milhão e meio de admiradores sinceros.

Então, avançando, o Chico Biscoito ensaiou repetir o seu celebre discurso de *meetings* ;



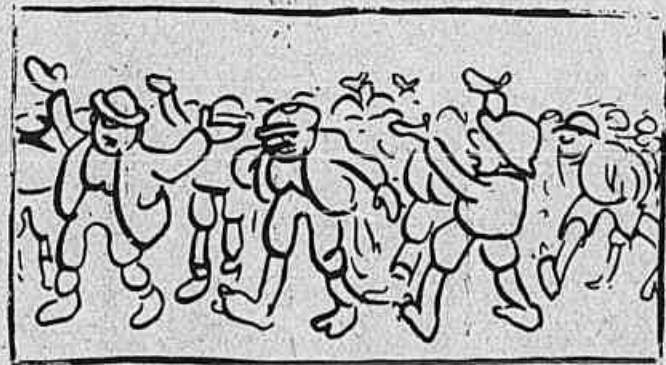


— Parabens ao povo brasileiro! Parabens ao povo brasileiro!

Foi um sucesso. Mandou-se vir «champagne» para o dia começar direito. E até às dez horas o *Pirralho* se entreteve com os amigos da casa em palestra cordeal.

A's dez, acompanhado do seu secretario provisorio, o Chico Biscoito, o *Pirralho* tomou o seu auto e rolou para a freguezia do O', onde o esperava um pic-nic promovido em sua honra pela imprensa diaria.

Receberam-n'o na entrada o dr. Zeca Lisboa, o Chico Manso e o dr. Pi-



nheiro da Cunha, commissão d'introdução.

Ao desembarcar, o *Pirralho* foi alvo de calorosa manifestação.

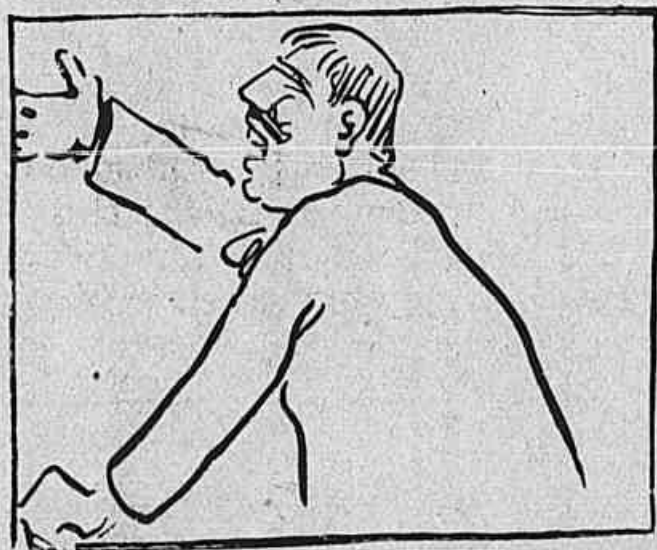
Comeu-se, bebeu-se. Fez o discurso de saudação o Morse. Respondeu o Chico Biscoito:

Parabens ao povo brasileiro.

E como não havia tempo, o *Pirralho* deu logo o fóra, vindo para a cidade.

Da sua sacada, ao meio-dia, recebeu o *Pirralho* a terceira manifestação de apreço, promovida pelo Totó Scafuto, com o De Maria e a pequenada que vende os jornaes.

Tomou a palavra o Scafuto que



produziu a seguinte oração:

«PIRALHO!

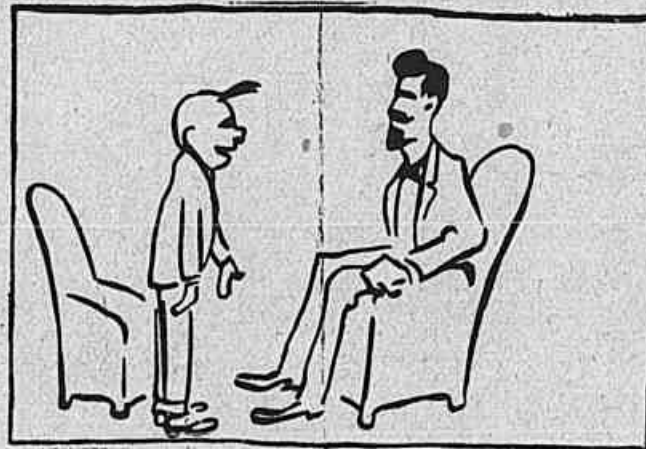
«Vucê me fiz ganhá dinhêro qui né ningué. Também o pissoalo gagnaro dinhero co você qui né o Stádo! Intó temos da saudá p'ra vucê! Passe bé. Viva o Piralho! Viva o chopese que elle vá apagá! Viva também o Rigalegio! O Bananére também!»

Vivôô!! foi o grito que se levantou. Seguiu-se da sacada nossa a resposta

do nosso estimavel Juó Bananére que também fez um discurso.



A' tarde houve recepção no *Pirralho*. Veiu visital-o a *haute-gomme* da nossa politica e da nossa sociedade.



O dr. Washington Luiz manteve com elle animada palestra.

Em seguida o dr. Sampaio Vidal, acompanhado das suas casas civil e



militar, isto é do sr. Pedro Dente e do tenente Dantas Cortez.

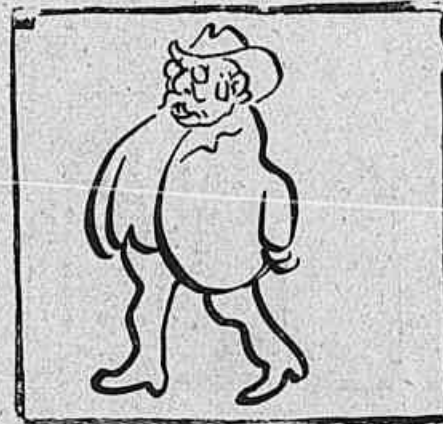


Veiu também o dr. Altino acompanhado do commendador Mondim. Depois o dr. Carlos de Campos, re-



presentando a camara estadual.

Seguiram-se innumeradas visitas, entre as quaes a do dr. Jôta Jota, repre-



sentando a Academia de Letras e a litteratura do seculo 17; do sr. Vas-



ques, representante de tres coisas, a saber: Academia Berlitz, Cultura Portuguesa e a redacção do extinto *Zig-Zag*; do sr. Alceu Prestes, por si



e por seu illustre pae, o coronel Fernando Prestes; o escultor Julio Sta-



race, por si e pelo busto do arcediogo Francisco de Paula.

Entretiveram com o *Pirralho* a mais animada camaradagem o dr. Covello, que veiu visital-o por si e pela União Paulista Pró-Ruy, o dr. Ricardo Gonçalves, o sr. Cunha Freire e outros amigos do peito.

A' noite, houve *marche aux flambeaux*, victoriando delirantemente o *Pirralho* a grande multidão dos seus entusiastas, chefiada pelo maestr



Brotero, Raul de Freitas, Wenceslau de Queiroz, Adolpho Araujo, Paolo



Mazzoldi, que produziram brilhantes discursos.



Da nossa sacada responderam Cornelio Pires, Juó Bananére, o Pirralho



diversas vezes, e o Chico Biscoito, que cinco horas depois, tudo acabou e todos dormindo, gritava ainda



para a lua desolada — Parabens ao Povo Brasileiro !

A Capital artistica

A agitada e enervante Paulicéa que o cabotinismo literario de Sarah Bernardt crhisthmou de *Capital artistica*, parece que vae fazendo jús a esse titulo. Os artistas que nos visitam si não voltam de bolsos recheiados, tambem não voltam com elles vazios. Já não estamos felizmente no tempo em que Pedro Alexandrino, o colosso da *natureza morta* se viu obrigado a emigrar para poder fazer arte, nem tão pouco vemos alguem como Ferrigno fazer-se oleiro ou cousa parecida. Hoje já o publico se interessa pelo movimento artistico, por isso mesmo que o ha, e já não come mais, como se diz entre o povinho, gato por lebre. Appareça quem tenha valor e exponha e desnecessario se torna a reclame para que seja coroada de exito o seu certamen. Assim é que temos visto exposições picturaes esplendidas como as de Luiz Graner, Lucilio, Cantú ; e agora estão sendo apreciadissimos os bronzes de Starace. Deste moço, de quem já tratamos em artigo de critica, a nossa Pinacotheca que tão pobre é de coisas de valôr poderia adquirir algum trabalho. E aqui fica a lembrança aos nossos homens politicos... que cuidam tanto de coisas de arte. Pelo interior tambem tem havido exposições. Em Santos já expoz o Parreiras e em Campinas o faz actualmente o sr. Norfini que tem magnificas aguarellas. Apenas encerrada a exposição Norfini, nos salões do Centro de Lettras, abrir-se-a a de D. Nicota Bayeux.

Desta senhora, que fez o curso da « Academia Julien », conhecemos já alguns trabalhos. Na ultima exposição de bellas artes d'aqui, dos novos, foi ella talvez quem melhor se representou. Havia um magnifico trabalho seu, estudo de luz, *sous la masque* se não nos enganamos. Dos que fez recentemente, ha um bem acabado retrato do sr. Roque de Marco e um quadro grande, uma velha descansando, que é muito bello. D. Nicota é campineira ; é conterranea de Ruy Ferreira, já conhecido como caricaturista e que certamente ha de voltar da Italia um completo illustrador, o que sempre elle foi e do que se desviou.



Civilismo



O Dr. Alfredo Ellis



Nova Aphrodite

(Inédito para o PIRRALHO)

E' na sagrada paz de imaginario mar,
Numa tarde que lembra essas fardes romanas,
Que eu a imagino assim de fôrmas soberanas,
Como á tona de um lago o lacteo nenuphar.

Hei-de vel-a a sorrir, hei-de vel-a a cantar. . .
Sobre o dorso de jaspe, em curvas levianas,
A' mais formosa flor de todas as sultanas
Abre a sua brancura o estemma do luar !

Eu a imagino assim. Labios de cravo e arminho
Rindo virginalmente ás n:inhas crenças bellas,
Lyrialmente sorrindo ao pelago marinho. . .

Eu a imagino assim risonha, assim esquiva,
Tendo a plasticidade augusta das donzellas,
E a rosea carnação da raça primitiva !

A musa

(Inédito para o PIRRALHO)

Eu nunca a vi, eu sei, e nem sonhei-a, emtanto,
Quando minh'alma evoca imagens peregrinas,
Ella surge e se alteia envolta no seu manto
De romantica Deusa e formas saguntinas.

E me acena a sorrir. Das suas mãos tão finas
O candido frescor é feito, por encanto,
Para doirar canções impyricas, divinas,
Que têm um coração sangrado em cada canto.

Traz no timbre da voz torrentes de cantares.
O seu corpo nervoso, em halos de luars,
E' a torre de marfim do Sonho e da Alegria.

O' visão sempre em flor, cuja presença inspira
Todo o meu coração e toda a minha lyra,
Na patena do Verso hei de sacrar-te um dia. . .



Intangível

Noite negra e chuvosa. Em meu scismar isolado
O soluço da chuva e a agonia do vento . . .
O' violacea visão (murmuro) que eu consolo
Embalde te procuro em meu isolamento !

E fumo. Entre espiraes, sobre florido solo,
No mysterio da sombra espraçada ao relento,
A lembrar a brancura olympica de um collo,
Lobriga não sei que de vago e de luarento . . .

Agora vejo a fôrma a dilatar-se. A estatua
Eis que aponta e se eleva. Entre lyrios ebriantes,
Como, de ti ao longe, a nossa vida é fatua !

Tento agarral-a, e a fôrma aos poucos se adelgaça,
Vejo-a alar-se, sumir com labios supplicantes,
Na magica aspersão da luz e da fumaça !

O Torreão

Sómente um torreão bastante carcomido.
Ah ! do tempo voráz a colera por cento,
Tral-o agora entre escombros, esqualido partido,
Na tunica real de folhas encoberto.

N'uma quadra remota elle ostentou, erguido,
De porphyro um castello, e antegozou de perto
O regio fausto, e bello, e forte, e enobrecido,
Accendeu os vitraes sobre o Rheno dezerto.

Quem o vê julga ouvir a canção wagneriana
Cuja harmonia de oiro ungiu a porcellana
Da lua que rendilha os lyrismos de junho . . .

Lobriga a cada sonho a castellã singela,
Ouve ruidos no parque e vê a sentinella,
Passo a passo, levando a sua adaga em punho . . .

Santos, 1913.

Fabio Montenegro.

Do livro «Flâmulas» (á sahir).





Dino Anghinelli

E' um poderoso artista, da velha guarda, dos que não abandonam o seu sonho encantado, por mais que a vida o hostilize e a vulgaridade o atraia.

A sua cabeça, cuja seriedade innocente de creança impressiona fundamentalmente, tem por toda ella um ar de martyrio.

A cabelleira revolta, o olhar fixo completam-lhe a figura extranha e desesperante.

E' moço ainda, expansivo. nervosamente expansivo sem linha nem *pose*. Pefa vida, elle talvez caminhe sem governo. Mas sentado a um piano, o seu desperdicio de vibração se recolhe, o seu corpo se endireita a sua mascara se fixa.

Então quem o vir, tirando do teclado todo o canto de loucura, de

poesia, de tristeza, ou de magia que cantaram os velhos mestre — scomprenderá com entusiasmo o sacrificio dessa vida ao grande trabalho nervoso de executar.

Anghinelli se transfigura e transfigura a seu auditorio.

Durante aquellas horas em que o piano fala, todos se calam arrebatados por essa turbação deliciosa que vae até á emoção phisica, e que só conseguem espalhar de redor os grandes magnetisadores de almas.

Beethoven Chopin, Mendelssohn, Wagner, outros, voltam de novo á terra para torturar os que os escutam com os seus sonhos brutaes, barbaros, caprichosos melancholicos.

Anghinelli é o evocador possante desses phantasmas tristes e grandes.

* *

Edoardo Dino Anghinelli nasceu em Florença. Estudou musica no con-

servatorio de Milão, onde foi um dos mais amados discipulos de Giuseppe Frugata, e onde a sua paixão pela cultura musical classica se affirmou victoriosamente.

Formado para a vida de *virtuose*, sendo por temperamento, livre e audaz, foi á Allemanha onde se entretteve dois annos em altos estudos entre os mais celebres artistas.

Foi companheiro de Bussoni, Friedheim, Max Reger.

De volta á Italia, Anghinelli, com grande cxito, deu diversos concertos populares.

Seguiu depois para a Scandinavia e veiu então ao Brasil, onde foi convidado a tocar no Palacio Guanabara.

Em São Paulo, Anghinelli deu dois grandes concertos, aos quaes não deixou de comparecer a nossa sociedade culta e intelligente. Nelles elle se revelou para nós o grande conhecedor da cultura musical classica e sobretudo o artista de grande tempera e de extraordinaria emoção.

Foi elle, o unico que no nosso meio se lembrou de commemorar o centenario de Richard, Wagner, dando mais um dos seus admiraveis concertos, no salão Germania.

Anghinelli acha-se ainda entre nós, e festejando o nosso segundo anniversario offereceu-nos as paginas ineditas que publicamos hoje.

Elle está preparando a publicação de duas obras que serão editadas em Paris. São ellas uma collecção de musicas para piano que intitulará *Clavis Poësis* e outra de romanças para canto e piano, sendo tambem os versos de sua lavra. Essa ultima obra chamar-se-á *Carmen Musiceque*.



Andam no ar uns boatos aterradore. Serão apenas boatos?... Dizem que sim, dizem que não. Só sabemos é que ella, a deslumbradora deusa da Villa Buarque, anda apprehensiva e sae pouco, e elle, para disfarçar, affirmam as más linguas, fez-se mundano.

Dizem que sim, dizem que não.



VICTORIA REGIA



(Inédito para o PIRRALHO)

A uma Senhora



*A' tona ingrata e hostil da tetrica palúde,
Abre gloriosamente a impolluta corólla
E esplende no vigor da vida e da saúde,
Na região que um mortal sópro de peste assola.*

*Grande como a bondade e alva como a virtude,
Na miseria de em torno, ella é a radiante esmola
De uma alma vegetal que em toda a plenitude
Do mal que a quer polluir, mais se apura e acrisola.*

*Bemdito resplendor da flóra brasileira!
Ella, Senhora, eu sei: d'essa voss'alma egregia,
É o symbolo perfeito, é a expressão verdadeira...*

*Fel-a rainha a sciencia e, ao vel-a, a musa elege-a
— Como suprema flôr, de entre todas, primeira, —
Rival de Vós que sois como a Victoria Regia!*

Emilio de Menezes



Al **PIRRALHO**
nel secondo suo anniversario

EDOARDO DINO-ANGHINELLI

Più bella tu saresti

(Carmen Musiceque)

Carezzevole

Deciso

Più bel-la tu sa-re-sti *fianco*

mi - o re-gi-ne lion - ta Più bel-la ta -

re ti maca go-der ve - nen - do mor-mor-o - che tie-man

piag-ge - ta ti-an fo-re - sti

tremolante

ped. molto marcato

Piu bel - la! Piu
(Dolce)
col canto
ped. ped. ped. ped.
al poco a poco con trasporto

bel - la piu bel - la!
e ri - tor - nan - do
ped. ped. ped. ped.
completto

a lor de - si - o
gliando in can - to - ri
ped. ped. ped. ped.
completto

Passionato e ben accentuato

brul - le - re - sti co - me de - sta - te il sol
forte seguire e sostenere il canto
ped. ped. ped. ped.

in tin - ti - li - o
per l'U - trio ma - re
ped. ped. ped. ped.

Con lieve abbandono

Piu bel la ver - re - sti!
ped. ped. ped. ped. ped.



Milagre, Milagre



*Dulce éra a flór de mocidade e viço
Que encantava a familia e era dos paes o orgulho.
A sua voz era um hymno, um divino barulho
De duas taças chocando o cristal inteiriço.*

*Numa festa porem do Quatorze de Julho,
Um romance contou de motivo sedição
E esse conto banal, por inveja ou feitiço,
Minou-lhe o ouro da voz, como á seara o gorgulho.*

*Diziam que ficou ou tísica ou cardíaca.
Mal andava, a cahir, fraca, de tombo em tombo,
E a voz se lhe tornou feralmente elegiaca.*

*Mas, subito, se eleva em glorioso ribombo,
Ao producto da ideal musa paradisiaca
Que o Lebrão descobriu: Bananina Colombo.*

Heredia d'Annuncio.



Sonata Apaixonada

Inedito para o „Pirralho“

O' Mar ! Poeta do Amor, meu velho e triste amigo :
Quero, secretamente, em palestra contigo,
 Contar-te a nossa dôr. . .
Porque, pulsando em mim teu coração de oceano,
Só tu comprehenderás o desespero humano,
 De viver sem amor. . .

Amas, meu pobre Irmão, com o mesmo ardor com que amo. . .
Com a esperança e com o ardor com que reclamo
 A bençã de um olhar. . .
De alguém que é, como a lua, indifferente e fria. . .
E que não póde calcular nossa agonia,
 Porque não sabe amar. . .

A perenne oração que consagras á lua,
E' inutil porque — ó Mar ! ella não será tua. . .
 Nem ao menos siquer,
Tão distante de ti, teu supplicio adivinha. . .
Porque ella é como alguém que nunca será minha,
 Sendo estrella e mulher !

Quando, abrandando a voz dos teus fundos pesares,
Vês, ao longe, brilhar, na planicie dos ares,
 A fimbria do seu véo,
Esperas a fremir que ella apenas desponte,
E tentas, a galgar os degraus do horisonte,
 A escalada do céu ! . . .

Eu tambem, como tu, se por acaso a vejo,
Num doce olhar que sãe dos olhos como um beijo,
 Na mesma adoração,
Creio — e com que temor ! — e com que sobresalto !
Que este infinito azul é tão puro e tão alto
 Que foge á nossa mão. . .

E é por ella que nós em noites perfumadas,
Cantamos loucamente as eternas balladas
 Sob os floreos balcões. . .
Eu, — tão cheio de ideal ! Tu — tão cheio de orgulhos !
Confundindo no amor os versos e os marulhos
 Dos nossos corações. . .

Por ella, a enthezourar fortunas e fortunas,
Escondes nos parceis, nos syrtes e nas dunas,
 Teu fausto nupcial !
E vais buscar na foz a riqueza dos rios,
Que trazem dos sombraes remotos e bravios,
 A gloria florestal !



Na tua aspiração fabulosa, insensata,
Reproduzes o luar nas espumas de prata,
E o céu nos mesmos tons. . .
Pões um astro a fulgir em cada grão de areia. . .
E deixas, cada concha, equoreamente cheia
De prismas e de sons. . .

Tu, nas maretas, nas opalas das madrias,
No rútilo collar das fulvas ardentias,
Pões minúsculos soes. . .
Derramas a granel por entre as tremulinas,
Escravonetas, esmeraldas, turmalinas,
Prasios e gran-mogóes. . .

Eu, nos periodos, nas estrophes que burilo,
Faço o verso radiar como um chrysoberilo,
No qual vibra e reluz,
Entre a faceta das palavras primorosas.
No sonoro matiz das vogaes preciosas,
A harmonia da luz !

Ha seculos, minaz, soffres esta amargura !
Ha dez annos, constante, este amor me tortura !
— E assim vivemos nós :
Das lagrimas da lua as perolas tu fazes,
Como eu rimando faço a musica das phrases
Do rythmo da sua voz.

Por sua indiferença é que tu te revelas
Duplamente leão e chacal nas procellas,
Prometteu Caliban !
Louco e rouco a bramir nos crespoes das follas,
Regougante e feroz te espedaças e rolas
Numa colera van ! . . .

Porém se, na borrasca, entre o zimbro e a sa'sugem,
Quando os teus vagalhões em ribombos estrugem
Num fragor de calhaus,
Um naufrago ao morrer o seu nome implorasse,
Talvez a invocação desse nome acalmasse
Os teus impetos máus. . .

E embalando esse corpo ao som das cantilenas,
Leval-o-ias então ás paragens serenas
Do teu seio sem fim. . .
Fal-o-ias viver no remanso das praias,
Ou na cidade de Is, ou na gruta das Nayas,
De nacar e marfim. . .

Porque tu és brutal muitas vezes, no emtanto,
Em plena calmaria abafando o teu pranto,
Bem diverso tu és. . .
Glauco, o manto talar humilimo roçagas. . .
E vens, rojado ao chão, no rastejo das vagas
Para beijar-me os pés. . .



Emfim, já que é perpetuo o martyrio que soffres,
Faze versos, Irmão. . . Que elles sejam os cofres
Dos nossos ideaes.
Choremos a cantar a paixão que lastimas. . .
Cantemos a chorar cristalizando em rimas
As dores musicaes. . .



Martins Fontes

Francisca Julia da Siiva

O «Pirralho» orgulha-se de poder publicar hoje um soneto inedito da primorosa cultora do verso, da extraordinaria poetiza Francisca Julia da Silva, uma das mais fulgurantes glorias da letras patrias.

«A Fonte de Jacob» intitula-se o soneto de Francisca Julia, que é uma verdadeira joia literaria, como tudo que sae da sua penna magistral.

O «Pirralho» agradece a Francisca Julia e espera merecer ainda muitas e muitas vezes a hora de que hoje se ufama.

Dialogo n'um bond

— Pois eu vi, elle estava namorando no Germania.

— Não é possivel, é historia sua...

— Ora, até se fallou lá muito em você...

As duas elegantes mocinhas calaram-se, vendo sentar-se ao seu lado um senhor de idade. Uma estava triste, bem triste, a outra risonha...



Linda, sobre saltos elegantes que lhe erguiam mais o corpo bem feito, mlle. passou.

Elle sorriu tristemente e disse a um amigo, n'uma confidencia amargurada:

— As cartas d'ella, hei de guardalas para mostrar ao marido.

— E' verdade ella está noiva, respondeu o outro.

Grande Officina Mechanica E DE CARROSSERIE PARA AUTOMOVEIS

Movida a tracção electrica e provida de todos os modernos mac'anismos

Concerta e renova Automoveis de qualquer marca

Rua da Moóca, 82 e 84

Casa Rodovalho Escr. central:
Trav. DA SE' 14

Depositarios dos automoveis CHABRON LTD

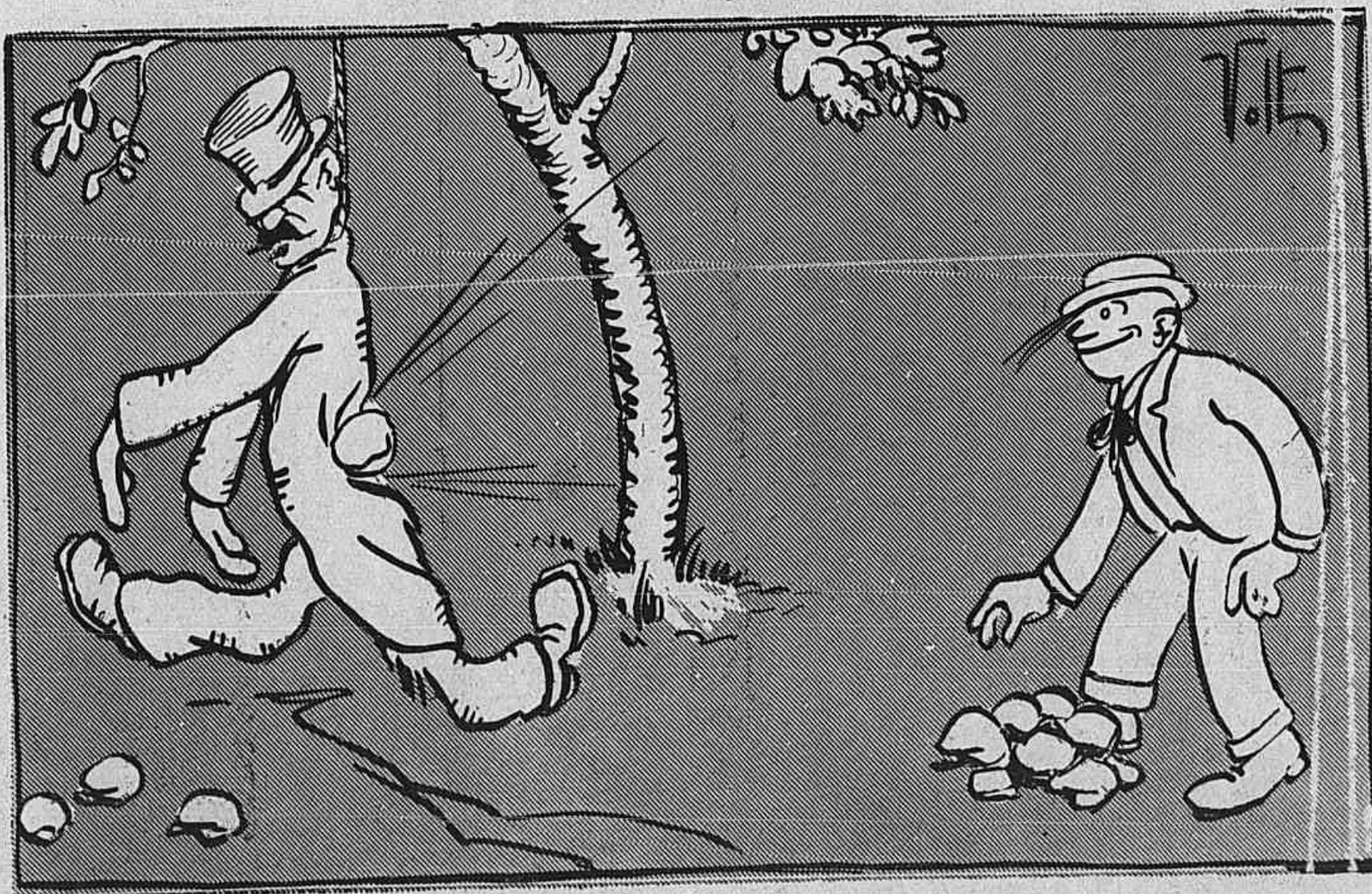
Temos sempre automoveis em exposição—Accessorios e sobressalentes á RUA QUINTINO
BGCAYUVA, 25 — Teleph. 3777.

Convidaram um dia o marechal a comer n'uma casa de pa'ito.

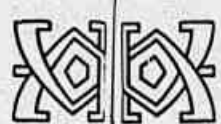
O Hermes respondeu indignado:

— Vocês pensam que eu sou burro

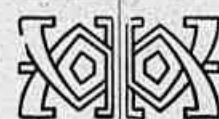
Se o Judas subir



O programma do *Pirralho* será um programma de sabbado de alleluia



Condestabre



(Inédito para *O Pirralho*)

No soturno medievo a phantasia entreabre
As portas de um salão cujo portal abriga
Os asperos florões de uma corôa antiga,
Heraldico lavôr de nobre e condestabre.

Vêde-o com seu talim mais rijo que um calabre,
Com o curvo morrião e a pezada loriga ;
Admirae o fulgor das armas sem fadiga,
As insignias feudaes e o toledano sabre.

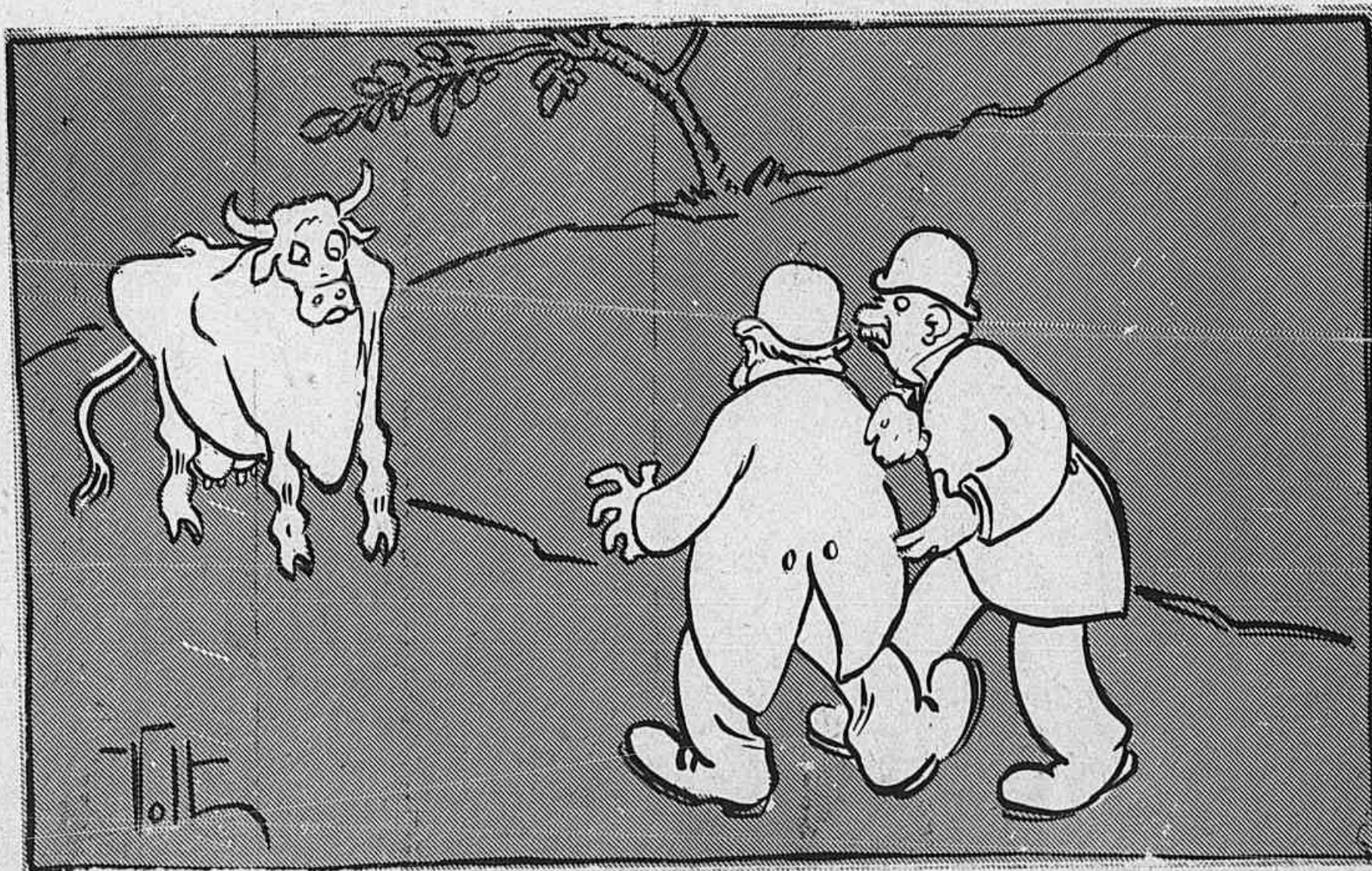
Mavortico furor anima esta figura,
O porte é senhoril, é rigida a postura ;
Radia-lhe na face uma gloria inaudita.

E até na sala echôa o rincho de um ginete,
E pela porta aberta uma lufada agita
A pluma bicolor do airoso capacete.

Manuel Carlos.

S. Paulo, 1909.

Consequencias do avacalhamento



- Vamos tocar a vacca ?
- Não, é melhor deixar ella passar, pôde ser um politico importante...



Ancia do Nirvana

A Alphonsus de Guimarães

(Inédito para o PIRRALHO)

O' tédio ! ó velho deus desilludido !
Sob o torpor da minha magua infinda,
Vivo a espiar o mal de ter nascido
No desespero de viver ainda !

A atroz desillusão que em mim se encarna,
Angustiosa e terrível, se assemelha
A' tortura de Job raspando sarna
Com um pedaço de telha.

So'uçando a ballada do Infortunio,
Na lyra polícordea dos meus nervos,
Vou pela vida, sob um plenilunio
De maldições, de anathemas e acervos. . .

Ante o eclipse total da minha sorte,
Amortalhado pelo meu tormento,
Busco na idea lugubre da Morte
A paz, o esquecimento. . .

Penso na Morte. . . A morte é o Bem, é o cúmulo
Do Bem ; e o ideal perfeito da Ventura
Repousa sob o marmore de um túmulo,
Nos sete palmos de uma sepultura.

Quero a ventura do Não Ser. . . Consagre-m'a
Nosso Senhor, com o seu poder augusto :
Morrerei sem um ai, sem uma lagrima,
Sorrindo como um justo.

Ah ! o Não Ser — a forma transitoria
Da força germinal da Natureza
Gerando para o Amor e para a Gloria
Mundos de perfeição e de grandeza.

Ser luz ou som, ser dor ou ser aroma ;
Ser pedra ou lodo, flor ou borboleta
E' estar nas feições multiplas que toma
A vida no planeta.

Que a volupia nupcial dos meus amores,
Da podridão da carne deletéria,
Resurja um dia em muzicas e flores
Na evolução continua da materia.

E' uma esperança que me embala e encanta
A certeza de um dia ser estrume
E reviver na vida de umã planta
Como seiva ou perfume.

De mutação em mutação ser tudo,
Desde o verme inferior que anda de rastros
Fugindo á luz, inconsciente e mudo
Até a poeira rútila dos astros !

E, horas e horas, a scismar, absorto,
Num extase augural de monge afflicto,
A idéa de morrer e de ser morto
Tenho em tudo que fito. . .

Horas e horas entregue ao meu desterro,
Penso, olhando a carreira das formigas,
Como ha de ser solenne o meu enterro,
Na compuncção das procissões antigas.

O relógio, segundo por segundo,
Em lentos movimentos somnolentos. . .
Lembra-me as pulsações de um moribundo
Nos ultimos momentos.

A' oscillação do pendulo cardiaco
E ao girar dos ponteiros, sonho ás vezes
Estar nos 12 signos do Zodiaco,
A dirigir o circulo dos mezes.

Si acaso vejo uma aza luzidia
De andorinha que, voando, o Azul retalha,
Vem-me á idéa a tesoura que ha-de, um dia,
Cortar minha mortalha.

E, assim, a meditar no meu Sol Posto,
Goso um consolo bom, quando me invade
O atroz receio de quem vive exposto
Aos ferreos cyclos da Fatalidade.

A incerteza fallaz que me intimida
Nasce das previsões que me consomem. . .
Na transição da Morte para a Vida
Eu voltar a ser homem. . .

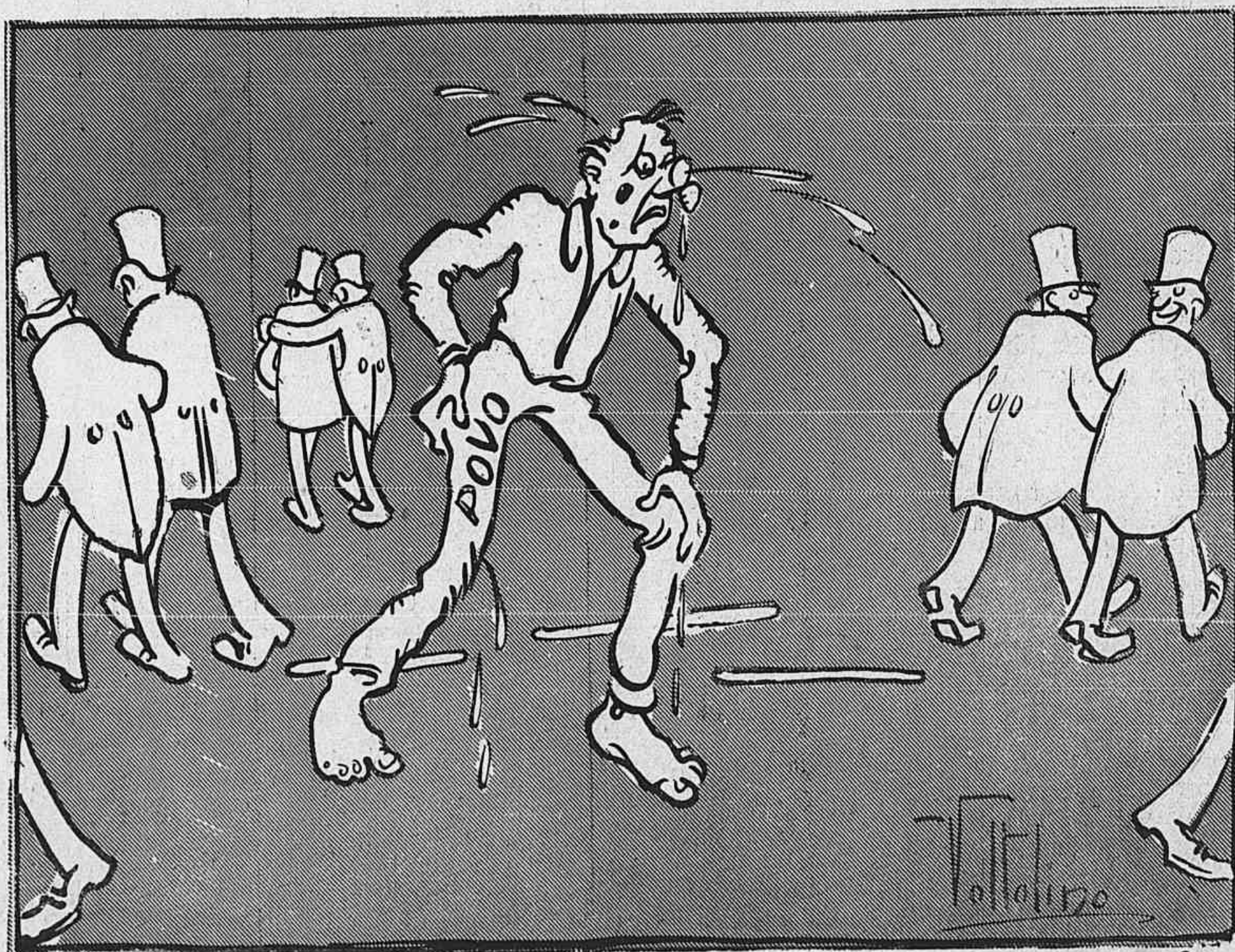
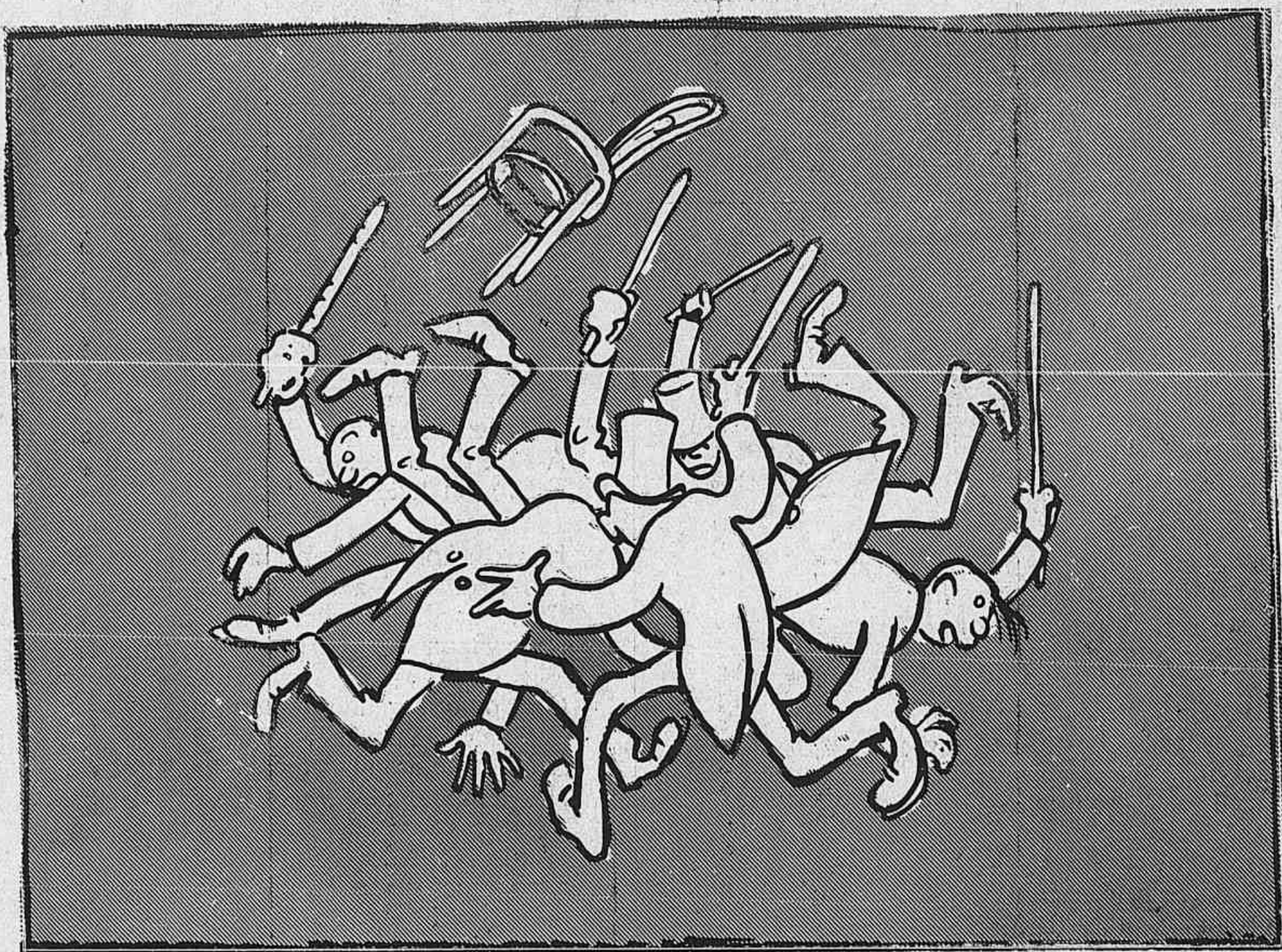
O' Duvida ! ó monologo de Hamleto !
O' mysterio insondavel do Nirvana !
Estalam-se me os ossos do esqueleto
Quando penso em tornar á fôrma humana.

Ser homem ! ai ! ser plasma ou protoplasma
Nas fibras corporaes de um infusorio ! . . .
Guardar, quem sabe ! o misero phantasma
Do um Prometteu inglorio ! . . .

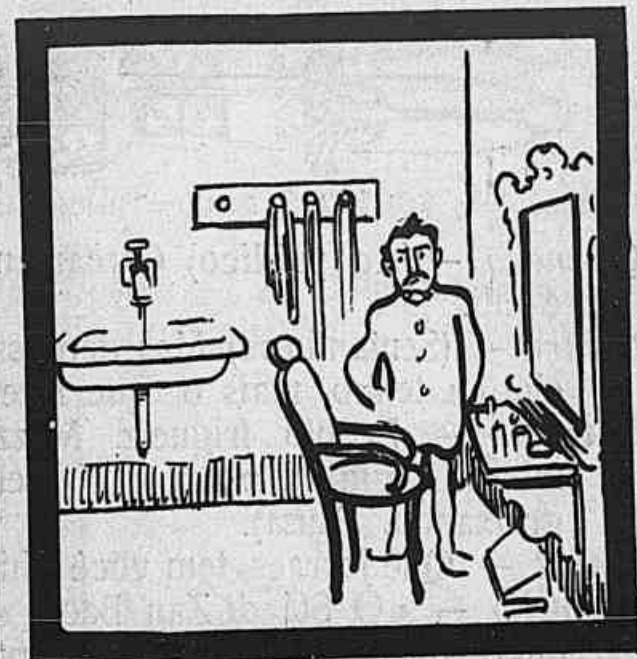
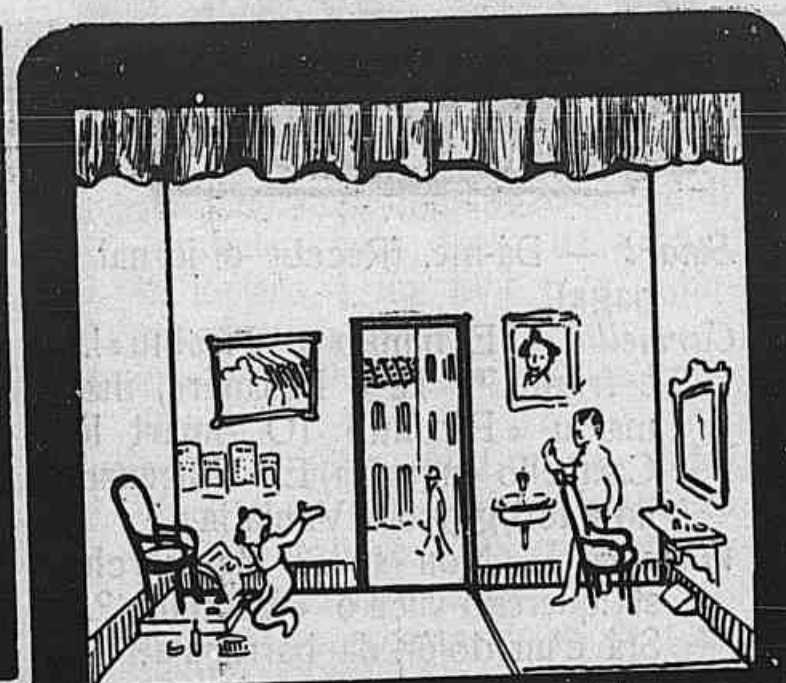
Antes ser uma cousa inconsciente,
Insensivel, sem órgãos, como um seixo,
Para ficar ao Mundo indifferente,
Emquanto a Terra gire no seu eixo.

Ah ! Eu quizera ser um ser immundo,
Uma cobra, uma lesma, um verme, um sapo,
Já que não posso ser um astro, um trapo
De nuvem para estar longe do mundo !

Da COSTA E SILVA



Sahem os proceres de braços dados e o Zé Povo escangalhado



A GUERRA ITALO-TURCA

COMEDIA EM UM ACTO

Original de

JUÓ BANANERE



PERSONAGENS

CARMELLO — Engraixate
VINCENZO — Barbeiro
XICO — Botequineiro
SMART — Vagabundo
FREGUEZA — Menina « Chic »
O EMPREGADO DO CONSULADO
UM VENDEDOR DE JORNAES
DOIS SOLDADOS

SCENA I

Carmello e Vincenzo

Carmello — Eh! Vincenzo!? Já lê o « Vanfulla » oggi?

Vincenzo — Nunca li o « Vanfulla » oggi non signori, sô Carmello!

Carmello — Se io non era un artiste!... (aponta a cadeira e as escovas). Per baccho! Iva oggi mesmo p'ra Tripoli afazê o surdado!

Uh! che brutta invegia c e io tegno d'aquillo pissoalo che stá sigurano co peito as balla dos nimigo da Patria!... (Pausa) Sí! perché a Patria é a segunda máia da a genti. (Explicando) Sin signori! a segunda!... A primeira fui aquilla che si gazó co páio da a genti!

Vincenzo — Eh! sô Carmello! Vucê tê a paura té do rivorvero di bringadêra!... Larga di fazê fita. Vá!

Carmello — Chi tê paúra né nada!

Vincenzo — Tê si signore!

Carmello — Aposto!

Vincenzo — (Puxando um revolver e apontando para Carmello) Intó vamos a Ivê!...

Carmello — (Fugindo) Non bringa, Vincenzo! Vira ista robba p'ra lá chi o cuzarunhes attenta!...

Vincenzo — Io non dissi!?

Carmello — (Indignado) Ma non fui da gombinaçó puxà o rivorvero!

Vincenzo — S' imagine aóra in Tripoli, che invece di un rivorvero tenia maise di ventismilla garabina.... Vucê agastava tuttás gambia di tanto currê.

Carmello — Uh! m! in Tripoli tê a gorneta militare che dá o curaggio p'ra a genti....

Che bello o surdado (Pausa).

Avanti! su! curaggio!... Fogo!...

Pun!... Pun!... Pun!...

Vincenzo — Ma che stá facendo! ô Carmello!?

Carmello — Stó amatáno turco!

Vincenzo — Vá all' inferno! vá! sô troxa!...

Carmello — (Marchando) Tá, tá, ra, ra, tá tá!... (Passa uma pessoa pela rua) Pronto, frigueiz! (Pausa) Ah! io sí chi vô murá in Tripoli! Aóra, nó! perché stó facendo una brutta cavaçó co guverno, p'ra sê ingraxato inda a porta du palazzo... (Passa outra pessoa pela rua) Pronto, frigueiz! Ingraxato

SCENARIO

A scena representa un salão de barbeiro cafageste da rua de São João. Porta ao fundo, vendo-se a rua. No lado direito uma cadeira de engraxate com uma caixa, escovas, latas de pomada, pannos para lustrar etc. etc. Na parede, junto á cadeira, algumas revistas e jornaes dependurados. No lado esquerdo, uma cadeira de barbeiro e uma mesa com navilhas, pentes, tesousas, vidros de loção, brocha sabão etc. Um grande espelho sobre a mesa. Um pouco afastado, uma mesinha com umas revistas e algumas cadeiras.

c'oa moda di Parigi. Un tostone a ingraxada! C'oa pomada straniera. (Pausa) Aóra non posso, ma assí che io liquidá ista cavacó, io vô mesimo, agarantidamente! Vó amuntá lá um bunito saló di ingraxato,

Inveiz, tê una robba che mi stá facendo a duvida.... Io lí al trodí nu « Vanfulla » che os turco non anda di buttigna, lá in Tripoli!... Eh! é mintira!...

Ma perché non vem vucê també só Vincenzo!...

Vincenzo — Che speranza!... turco non faiz a barba!...

Carmello — Mintira! Io cunheço un turco chi faiz a barba si si-gnore!

Vincenzo — Qual' é?

Carmello — O Saladino, quello chi tê logia nã lalere do Juó Al-frede!

Vincenzo — Ma che! illo faiz a barba co caco di vitro!

Carmello — (Ao publico) Guarda che patriota!

SCENA II

Os mesmos e o Smart

Smart — (Entrando) Engraxa-me as botas, ó carcamano.



Carmello — (Ao publico) Carcamano é elli.

Smart — (Sentando-se) Mas depressa che eu tenho mais o que fazer.

Carmello — Pronto frigueiz. Mezzo minuto i já stá pronto. (Vae engraixando. Pausa).

Smart — Que jornaes tem você ahi?

Carmello — « O Stá di Zan Baolo »! quere frigueiz? Tê as urtima nu-tiças da situaçò pulitica!

Smart — Não! Já li.

Carmello — « O Cnmerçu ». O çaçinato di oggi... o retrato do çaçinato!

Smart — Não presta.

Carmello — « A Capitale ». A monarchia nu Brasile. O urtimo scandalo di oggi. O scandalo na Venida.

Smart — Chega de escandalo!...

Carmello — Tambê tê a nu-tiça da Molhére do eroi.

Smart — Não é Molière do heroe, animal!

Carmello — Animale, non tê aqui non zignore! Tê só a Molhére do eroi.

Smart — Não é Molière do heroe, já disse. E' « O heroe de Mo-Molière ».

Carmello — Non zignore! stá errado.

Smart — Como, errado!?

Carmello — Stá errado sí zignore!

Intò o zignore dize o Xico da Molhére, o dize a Molhére do Xico!

Smart — Não è nada disso seu estupido! Não é *mulher*, é Molière!... Molière è o nome de um escriptor.

Carmello — Eh! o zignore stá mi quereno afazê di besta, frigueiz!... Non bringa che io dó o strilimo!!

Smart — Bom! deixemos de prosa. Que jornaes tem mais ahi?

Carmello — « O Diaro Popularo ». Tê os alunzio di guzignêra, frigueiz. O zignore non priciza di guzignêra?

Tê tambê o alunzio do gaxorigno chi perdeu. O frigueiz non axô? Ganha cinquanta mila reis chi axà!

Smart — (Correndo os olhos pelos jornaes) Qual mais?

Carmello — A « Carete », o « Fonfô »!... Tê o minho retrato nu « Fonfô »! Compra frigueiz. Guarda (mostrando) O *Fonfô in Zan Baolo*. O nostro inlustro amigo, zignore Carmello Garibaldi, direttore do bunito saló di ingraxato « Tripoli Taliana », inda a rua do Zan Juó.

Smart — Não quero.

Carmello — Pronto! « O Piralhu »!... quere?

Smart — Dá-me. (Recebe o jornal e paga).

Carmello — E' bunito o « Piralhu »!... ê frigueiz?! Tê o Bananére, inzi ma u « Piralhu » (O Smart lê. Carmello engraixa) Eh! Vincenzo non tê oggi o « Vanfulla »?

Vincenzo — Non sê!... Ma perché stá quereno vucê o « Vanfulla »?... Stá c'un dôlôr da bärriçula?

Carmello — Nô. E' p'ra vê a guerre cos turcoses.

Vincenzo — Ma che turco, né nada. Larga ista porcheria di guerre chi non presta p'ra nada. E' una virgogna p'ra nois, aquilla guerre!

Carmello — Che virgogna nè nada! Intó a genti non stá gagnano tuttos cumbatto?!... (Ouve-se fóra um vendedor de jornaes).

Vendedor de jornaes — Ogla o « Vanfulla »! A guerre italo-turco! Tripoli taliana!...

Carmello — Viva!... (Corre para a porta).

Vendedor de jornaes — Grandi acumbattimente. A battaglia di Raxakibira! Ventimilla turco amasatto! As manobra da squadra intaliana! O brutto cumbatto navale! As insgugliambaçó da squadra turca!... Ogla o « Vanfulla »!...

Carmello — Eh! guagliô!... o « Vanfulla ». (Entra com o « Fanfulla » na mão e vae ora engraixando, ora lendo)

Roma, 24 — Telegrafano di Tripoli che n'un cumbatto rialisato ieri tra mille taliani i ventimilla turcos, sono morti os ventimilla turco. Dos intaliano sò fui ferito o gavallo do cumandanto! (Fala) Guarda! Vincenzo!... che curajo...

Vincenzo — Ma sí! é naturale... Os intaliano ingana os turco i traiz illos p'ru lado du mare. Disposa



si iscondono i mandano os goraçato attacà fogo ingoppa us turco! Só us pixotti os intaliano.

Carmello — Che pixotti né nada! Gallabocca, vá!

Vincenzo — Perché a Italia non vem

afazê a guerre p'ra Austria? Guisto é che io voglio avedê!...

Carmello — (Faz um gesto violento e engraixa as calças ao Smart) Eh! já vem vucê con quista porcheria di Austria! Me ne infischio da Austria, io!

Smart — (Vendo as calças sujas e levantando-se) O' seu cachorro! Olha o que fizeste!

Carmello — Não é frigueiz! E' illo che stá dicendo che a Italia tê paúra da Austria!!!

Smart — E que me importa a mim que a Italia tenha medo da Austria!? O que eu sei é que não



sei como hei de ir ver a pequena com as calças deste feitio!...

Carmello — Io alimpo, frigueiz! (Esfrega as mãos na calças do Smart e suja-a ainda mais)..

Smart — (Indignado, dando-lhe um pescoção) Vê o que fizeste, animal! (sae).

SCENA III

Carmello, Vincenzo e depois o Xico

Carmello — (Correndo até a porta) Eh! frigueiz! O aramo da ingraxada!? (Pausa).

Ladró di gallinha? Gara di carrapatto maxo! (Volta e continúa a lêr o « Fanfulla »).

Roma, 24 — Indo o cumbatto di onti, un taliano gagnô una balla nu goraçò. Intó illo pigô a bandiêra anazionale, bijô ella i murrê.

Iscuita che patriota, eh! Vincenzo!...

Vincenzo — Patriota né nada! E fita.

Carmello — Sai daí! Vucê é uno inbecile! Vucê non capisce istas guestó di patriotismo!...

Vincenzo — Ma che robba é guista di patriotismo!... Galabocca, va! non diga asnerima.

Carmello — Uh! che troxa, che vucê é!

Intó vucê non sabe o chi é o patriotisimo?...

O patriotisimo é una robba che quano un suggetto vê aparlá male da Italia p'ra a genti, dá vuntadi da genti quibrá a gara delli!



Xico — (Entrando) Eh lá! bom dia, meus amigos.

Vincenzo e Carmello — Bon giorno sô Xico.

Carmello — Quere ingraxá, so Xico?

Xico — Agora não. Quero somente fazer a barba.

Vincenzo — Pronto sô Xico! Facia o favore di si sentá.

Xico — (Sentando-se) Ganhou no bicho ontem, seu Vincenzo?

Vincenzo — Che speranza! Io non ganho nunca nu bixo, non zignore. Onti io sognê chi uma brutta còbara pretta mi quiria mi mordê. Intó io piguê un páu p'ra amatá ella, ma nu momento che io iva dixà gai o páu inzima della, illa si trasformó n'un brutto lifanto distu tamagno, co rabbo colore di guagliata di lette azedo. Intó io aumutê n'elli i fui apassiá na Afriga, nu Giapò, na Barafunda, nu Billezigno, ecc. ecc. També, in tuttos lugaro che io passavo, tenia scritto o numaro 24.

Io dissi p'ra mim: — Istu è o bixo che vai saí oggi!... i giuguê quinhentó nu lifanto co 024 i duzentó na còbara.

Quano fui di tardi, paff! saíu o giacaré.

Io stò sempre in disacordimo co bixo!... Porca miseria! che caguira!

Xico — Isso acontece a muita gente bôa, seu Vincenzo.

Vincenzo — Io també sô genti boa, sô Xico!

Xico — E eu não digo o contrario (Pausa).

Então, como vae a guerra, seu Carmello?

Carmello — Vá molto bê sí zignore. Os turco stò apagnano chi né gaxoro sê dono. Iscuita sô Xico. (Lê).

Nutiças arricibidades do tiatro da guerre digono che uma barca taliana acarregada di un carregamente di vigno iva passano d'infronte dos Dardanello quano inxergò uno ingoraçato turco. Intó a barca taliana pregô un impurrô nelli i afundô elli nu fondo do o mare.

Os turco murrêro tuttos di indigestô di bibê agua sargada.

Xico — Sim senhor! que barca valente!

Carmello — Non é, sô Xico?

Vincenzo — Mintira.

Carmello — Galabocca, vá! (Pausa) Iscuita ôtra sô Xico.

Tripoli. 24 — Onti di notte un bersaglière intrô nu campamente dos turco, pigô a zintinella che

stava durmino imbaxo d'un pé di cuquinho, butô dento da a gaxa di forfero i fui livá p'ru gомmandanti intaliano.

Vincenzo — Uh!... che brutta mintira!!

Carmello — Che mintira né nada! Vuçê é un narfabetto. Galabocca chi è migliore.... Di repente io ti prego a mò na gara!

Vincenzo — (Approximando-se de Carmello) Chi é chi mi prega a mò na gara! Vamos a vê!... chi é? diga?

Carmello — Io non dissi nada!... vucê chi gusta di giudia da a genti!

Xico — Ora, o que é isso. Nada de brigas....

Vincenzo — E' istu pixotti aqui que stá quireno afazé fita cumigo. (Volta para o seu lugar).

Carmello — (Ao publico) Io non dê n'elli pur causa che fiquê c'un dó delli!...



Vincenzo — O chi é?

Carmello — Non é nada... Io stò dizeno chi vó agiugá un tostó na vacca i un tostó nu bôio!

Vincenzo — Ah! guistu si!...

Carmello — (ao publico) Io stò dizeno é chi oggi quano illo saí io quebro a gara delli atraiz da squina!...

Vincenzo — (Dando um passo para Carmello) Come?

Carmello — Non é! Io non stò aparlano niente!... ah! aóra a genti né podi aparlá nada, já vucê stá quireno apanhá a genti!

Vincenzo — Intó galabocca, animale!

Carmello — Io gallo a bocca... ma non precisa xingá a genti.

SCENA IV

(Os mesmos e um mensageiro do Consulado Italiano)

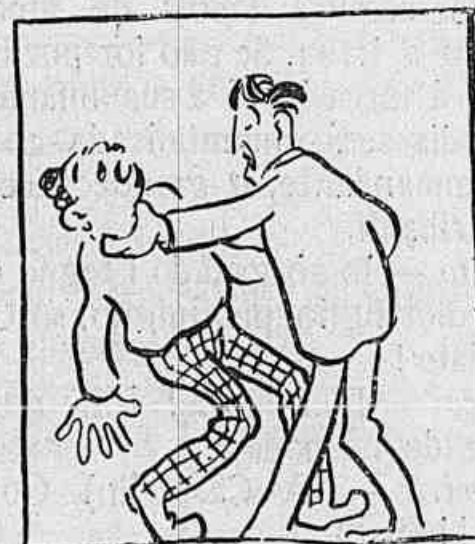
Mensageiro — (Entrando) E' aqui que mora o senhor Carmello Garibaldi?

Carmello — Sì signore. O chi é che o signore disegia?... Quere ingraxá as buttigna, é?

Mensageiro — (Dando-lhe um papel) Trago-lhe este officio do Consulado Italiano.

Carmello — Ma che roba stá scritto qui?

Mensageiro — A Italia, por intermedio do Consulado, chama alguns



de seus filhos distantes para auxiliar os seus irmãos a suffocarem o inimigo da Patria. Este officio communica-lhe que deverá embarcar depois de amanhã no «Principessa Mafalda» com destino á Italia, de onde seguirá logo para Tripoli, incorporado a uma nova divisão que se está organizando em Roma, sob o commando de Ricciotti Garibaldi.

Carmello — Ma non mora qui o Carmello!

Mensageiro — Como? Pois não é o senhor?

Carmello — Non!... che speranza!... Io só brasileiro; mi xamo Giuseppe Perêra da Conceição.

Mensageiro — Mas eu pensei... O senhor disse-me que elle morava aqui!

Carmello — Morava, si signore, ma aóra non mora mais.

Mensageiro — E o sr. não saberá por acaso onde esiá morando elle agora?

Carmello — Io axo che aóra illo stá morano nu Braiz. Inda a rua Martigno Francesco numaro quaranta quattro.

Mensageiro — Mas, rua Martim Francisco é na Villa Buarque, e não no Braz!

Carmello — Nu Braiz també tê a rua Martigno Francesco si zignore.

Mensageiro — Então peço-lhe desculpas.

Carmello — Non tê di chê, non zignore. Sempre as ordia...

Mensageiro — Até logo. (Encaminha-se para a porta).

Vincenzo — E' mintira sô Gonzolato! Carmello Garibaldi é elli mesimo.

Carmello — (Procurando esconder-se) Non só io non zignore!

Vincenzo — E' elli si!... Intó non é, sô Xico?

Xico — Eu, pr'a falar franqueza, não quero me metter nesse negocio,



Vocês se entendam por ahi.

Mensageiro — (Voltando) O que diz? E' elle! Oh! que infamia! Que miseravel. (A Carmello) O senhor seguirá depois de amanhã para a Italia. Se não for por bem, irá á força!... E a sua infame covardia será communicada ao seu commandante, o grande Ricciotti Garibaldi.

Carmello — Io sò gazado i tegno quatordecim figlio pichinigno, sò Gonzolato!

Vincenzo — E' mintira! Illo non é gazado né nada!...

Mensageiro — (A Carmello) Covarde!! (Sae).

SCENA V

(Os mesmos menos o mensageiro)

Vincenzo — (A Carmello, que está sentado, chorando) E' pra vucê non andá fazeno fita! uví sò pioxoti. Io non ando contano proza, ma si mi vignano xamá p'ra i p'ra guerre, io iva! Io non só a favore das guerre di conquiste... das guerre di andá tumano as terra dos ôtro, ma só incapace di disonorare o nomi dos intaliano come vucê co «Vanfulla»!... uví sò imbecile!... (Volta a fazer a barba ao Xico).



SCENA VI

(Os mesmos e uma fregueza)

Fregueza — (Entrando) O sr. tem o «Tico-Tico»?

Carmello — O chi é chi a signora stá quireno?

Vincenzo — (A parte) Uh! che piquena xique! (A' fregueza) Tê si signora. Tê ali, o «Tique-tique».

Carmello — Vá s'imbora, vá! Ninguê ti xamó aqui!

Vincenzo — (Baixo, a Carmello) Non é só troxa! Io stó ti judando di vendê o jurná!

Carmello — Non si faccia di besta!... Va saíno! vá!...

Vincenzo — Troxa!...

Xico — Vamos a isto, ó seu Vincenzo! Eu tenho pressa.

Vincenzo — Pronto sô Xico. (Approximando-se)

Carmello — (Dando o «Tico-tico» á

fregueza) Pronto o «Tique-tique» frigueza.

Fregueza — E' o ultimo numero? — (Abre e começa a examinar)

Carmello — E' o urtimo numero si signora.

Vincenzo — (Approximando-se da fregueza) Tê a storia do Xiquinho... Ingraçado o Xiquinho, non é frigueza?

Carmello — Non é nada!... Vá s'imbora!

Vincenzo — Tê a Faustina co Zé Macaco i co Zé Macaquinho! Tê o Caximbó co Pipoca... ma non aquillo Pipoca da «Platée». Otro Pipoca!

Carmello — Vá s'imbora sô indigraziato!

Vincenzo — Una volta illo pirdí o narizi...

Carmello — Mintira frigueza! Io non pirdí o narizi né nada!...

Vincenzo — Non é vucê sô imbecile! E' o Pipoca.

Fregueza — (A Vincenzo) O sr. tem algun figurino ahi!

Carmello — Non é elli frigueza! Sô io che sô o vendadore dos jurná.

Vincenzo — E' a mesima cósá frigueza! Io sô socio giunto c'oelli.

Carmello — Mintira! Aóra io vó dismanxá a suciedade c'oelli pur causa che illo fui dá parti di mim p'ru Gonzolato.

Xico — (Indignado) Olá, seu Vincenzo! Vamos com isto que eu não posso ficar aqui a vida inteira.

Carmello — Pregui a mó nelli, sô Xico!

Vincenzo — Giá vó ino, sô Xico. (Vae olhando p'ra traz, para a fregueza e cae por cima do Xico, que lhe dá um pescoção).

Xico — Vê lá o que fazes, animal!

Carmello — Beffetto! Io gustavo migliore se illo ti dava treiz piscoço con tutta forza.

Vincenzo — Non impurri a genti, sô Xico! Io gaí inzima o zignore, pur causa che non stava ogliano p'ru zignore!...

Xico — Pois para outra vez preste melhor attenção ao que faz.

Fregueza — (A Carmello) Mas, afinal, os srs. põem-se ahi a brigar e não veem o que a gente quer.

Carmello — Pronto, frigueza! O chi é chi a zignora quere?

Fregueza — Figurino, o sr. tem?

Carmello — Io non vendo figurigna, non zignora. Figurigna tê lá indo o Bazar do Xapó.

Fregueza — Não é figurinha, é figurino; aquelle jornal que tem desenho de roupa de homem, roupa de mulher, saias, blusas...



Carmello — Ah! já sê! O giurná di moda! Non é istu frigueza?

Fregueza — E' isso mesmo.

Carmello — Tegno si signora. Tegno a Rainha da Moda, a Fémina...

Fregueza — Fémina... Não conheço este figurino!

Vincenzo — Non é Fémina non zignora!... é Feminá.

Fregueza — Ah! já sei.

Vincenzo — Illo non dize certo pur causa chi non sabe o ingleze...

Fregueza — (A Carmello) Então me dá o Femina. (Recebe e paga), Até logo (sae).

SCENA VII

(Os mesmos, menos a Fregueza)

Vincenzo — Té logo, signorina. (Distrahe-se a olhar a fregueza que se retira e enfia a brocha cheia de sabão na bocca do Xico).

Xico — Ah! (Dá-lhe um safanão no braço) Cachorro!! (Levanta-se, dá muitos pescoções em Vincenzo, enxuga o rosto e sae praguejando).

SCENA VIII

(Vincenzo e Carmello)

Carmello — Uh! che bó! Gusê di vê... Istu é o gastighio p'ra vucê non sê amintiroso né linguarudo. Perché chi vucê fui dá parti di mim p'ru gonçolato! Aóra molto beffetto.

Vincenzo — (Levantando-se do chão, indignado, e indo sobre Carmello) O che chi vucê stá dizenó, sô indigraziato! (Bate-lhe),

Carmello — Ai, Ai!... Vucê giudia di mim pur causa che io só maise piqueno!

Vincenzo — Che piqueno né nada!... Vucê é maise grandi di mim!... (Largando-o) Cuvardimo!... cretino! (Sae).

SCENA IX

(Carmello (só))

Carmello — Istu intaliano indigraziato penza che io só o banque di batê robba!... (Pausa). Porca miseria! si stavo io o gommandanti generale da guerre cos turco, mandava aprendê o Vincenzo con treiz dia

di sulitaria. I tuttos dia di manhá cidigno antiso do armoço, mandava apanhá una brutta sova di xlcotti p'ra elli. Inveiz non é cosí!... Só io chi apagno tuttos dia. (Pausa) Uh! a vita!... a porca da a vita! che insugugliambaó! Mi faiz alemná un gaxorrigno chi tē lá indo o gortiço dovemóro io. Tuttos muno dá nelli! Io dó nelli, o figlio da Catterina che móra d'infronti dá nelli, o surdado che móra lá també dá nelli, tutta genti chi passa inda a rua dá nelli també. E' o gaxorrigno sê dono. (Pausa) Io també só o gaxorrigno sé dono Tutta genti dá in mim!... Che che io tegno di afazê!? Fui caguira che io nasci giunto c'oella. Si tenia un rimedio p'ra curá a caguira, un caguiricídio, io iva cumprá p'ra si curá!... Ma non tē, Stá cabado... Io nasci cosí, cosí tegno di murrê. (Reflecte) Uh! (Batendo na testa) I o gonzolato chi dice chi iva mi mandá a prendê p'ra mim i p'ra guerre!... Vó scaxá daqui primiere che illo vorti traveiz. (Guarda os seus apetrechos dentro da caixa; pega o chapéu e encaminha-se para a porta).

SCENA X

Carmello e os dois soldados

O 1.º soldado — O sr. está preso á ordem do Consulado italiano.

Carmello — Non só io non zignore.

O 2.º soldado — Os signaes que nos deram são os seus, e se não for, o sr. lá na policia se explicará. Vamos (Agarra-o).

Carmello — Larga di mim, camarada! Io só brasileiro, i o zignore non podi stá prendeno cosí sé maise né menos, un cidadó brasileiro.

1.º soldado — Nada de historias! Vamos marchando p'ro xadrez.

Carmello — Non branga, camarada!... Larga daí, vá!

2.º soldado — Vamos! decida-se. Quer ir por bem, ou não quer?

Carmello — Io vó sí zignore.

2.º soldado — (Largando-o) Ah! agora é outro cantar...

Carmello — Io vó, ma primiere vamos alli inda a venda da squina tumá una carafa di vino.

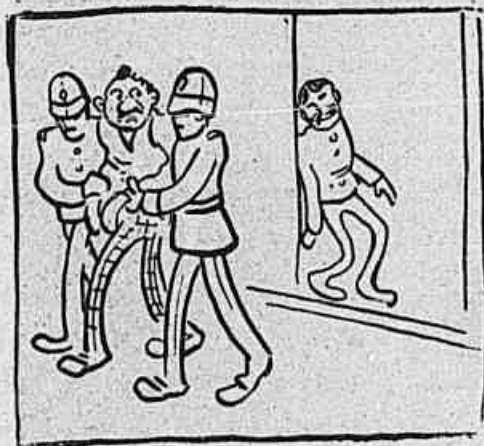
1.º soldado — Nada de prosas, siga! (Aponta-lhe a porta).

Carmello — (Ao publico) Io vó cumprá a polizia, spera un póco! (Aos soldados) Iscuíta qui, camarada. Vuceis non mi leva preso che io dó cinque massoni per ciascuno di vuceis.

1.º soldado — O que?! Está querendo nos comprar?!

2.º soldado — O' seu italiano safado! Que é que você está pensando?

Carmello — Non é camarada... Io só un povero padre di vamiglia... Se



io vó p'ra guerre, os minhos filhos morri di fame, con ista garestia da a vita che stá aóra in-zima da a genti!

1.º soldado — E' a ordem que temos.

2.º soldado — E' ordem!

Carmello — Ebbê! aóra io vó, ma primiere vuceis vó vê se io stó alli inda a squina!

1.º soldado — O' seu carcamano de uma figa!... (Dá-lhe um pescoção).

2.º soldado — Canalha... (Dá-lhe também um pescoção).

Carmello — (Ao publico) Io non dissi che tuttos muno dá ni mim?

SCENA XI

Os mesmos e Vincenzo

Vincenzo — (Entra embriagado, cantando):

Viva Garibaldi

Vittorio Emmanuele

Magnano o macaroni

Imbrogliato nu papele.

(Olha a scena e fica-se a rir).

1.º soldado — (Segurando Carmello). Vamos! (Carmello resiste. Ha uma pequena luta e por fim sae carregado pelos dois soldados).

SCENA XII

Vincenzo (só)

Vincenzo — Ah! ah! ah! só istus us patriote... Quello mascalzoni lá, só fartava mordê a genti pur causa da guerre italo-turca! Diceva: — Io non vó pur causa che non tengo aramo!... Uh! ma se io tenia aramo! Stavo lá. Adesso, guardalo lá. Vai amarrado come voluntario (Ri). I ahi stó os grandi patriote! (Pausa). E' istu! Us ré stó lá indo o palazzo, molto bê guardado, c'oa barrigula xeia, buona gama p'ra durmi... (Ri). Quando non tē o que afazê, inventano a guerre, i o povo chi vá murrê lá inda a Africa! (Pausa).

A guerre italo-turca... (Fica-se a rir, com um riso estúpido de bebado).

Cake o panno.

— Os adeptos do Ruy chamam-se civilistas ou ruystas, e os do Wenceslau?

— Wenceslausistas...

— Qual Wenceslausistas, judeus é que se chamam.

O dedo da Providencia!...

O homem põe e Deus dispõe. Por mais calculistas que queiramos ser nem sempre nos sai a coisa á vontade. Mas quando a Providencia mette o dedo — o bom resultado é matematico, certo, infallivel!...

Não ha que ver!... O outro dia uma galante menina nos fez a seguinte pergunta: — Seu Freire, dizem que a mulher é um diabo de saia; que acha a isso? Qual a sua opinião? — E esta! Como responder a semelhante pergunta? Ha cada uma!... Já viram que entalção! Que responsabilidade vou assumir em respondendo com franqueza! Paciencia! Lá vai obra: sou idealista, e daqui do alto destas linhas vou dizer o que penso: a mulher não é diabo de saia, não é nada... E' uma linda rosa sempre em botão e o mais lindo anjo do paraíso terraqueo. E para provar que não estou só em campo com a minha opinião, leiam-me os seguinte: mimosos versos do soberbo poeta lusitanos

— «E' como o corpo sem alma

A casa sem ter mulher, —

Não tem luz dentro de si,

Dê-lhe o sol como lhe dêr.»

E se não bastasse tão justa apreciação, apelariamos ainda em ultima instancia para o juizo de egregio poeta nosso, que diz:

«Deus, abaixo das estrellas

Fez coisas de endoidecer,

Creou flores as mais bellas,

E a flor mais bella — a mulher.»

E a menina qual alegre colibri: — Este sen Freire é manhoso... (ê ele já tem automovel...) fala sempre tão bem das mulheres, tem palavras tão doces, que tral-as pelo beigo como preciosos refens... Qual dedo de Providencia! Qual nada! Diga que é o «dedo das mulheres» que pucha pelo seu negocio, que não mente; pois loigas e coisas assim são coisas a cargo dellas... Que mais! E' de justiça que nós protejamos um homem assim, tão bom, «modelo dos homens», que nunca disse mal de nós: não é, sen Freire?

RUA DE SÃO BENTO N. 34—B

CASA FBEIBE

Brioline-Crème

—♦—

Superior a todos os oleos
Dá aos cabellos um brilho natural

A' venda em todas
as boas casas de perfumarias



CURIOSIDADES



Riccardo Torres Bomibita, o primeiro «toreador» da Hespanha.

O «Pirralho» é o unico jornal da America di Sul, que póde offercer aos seus leitores a photographia do celebre «toreador», isto devido á gentileza do sr. Carlos Cuoco, que nol-a emprestou, para a execução do cliché que damos hoje

Consta que o estimavel academico Chico Biscoito, vulgo Camargo Penteadado, só espera o resultado do nosso concurso de feiura, para ficar noivo.

Diz elle que será um tapa bem pregado nos seus eleitores.

— E o *leader* de Pernambuco, hein? que papelão!

— Não acho, elle seguiu a evolução natural...

— Como?

— Sendo *Bezerra* um dia ou outro havia de acabar *vacca*...

De Camarote

São José



A companhia "Cittá di Milano,, que ha uns quinze dias trabalha nestetheatro, tem feito grande successo.

A sympathica e intelligente actriz cantora Csllag, que conquistou immediatamente as sympathias do nosso publico, é sem

duvida alguma um dos melhores elementos da grande *troupe*.

Ante hontem a distincta artista alcançou um grande successo com a opereta *Eva*, em que se apresentou sob as vestes da interessante Gipsi, emprestando ao seu papel toda a graça e desenvoltura que lhe são peculiares e cantando com voz timbrada e com muita expressão todos os trechos da sua parte.

A sra Angelotti tambem tem triumphado e o mesmo podemos dizer da sra. Braccony.

O tenor Alessandrini, muito conhescido e apreciado em nosso meio, é sempre applaudidissimo.

Os côros afinadissimos e a bailarinas dão conta do recado con gallardia.

A orchestra porta-se sempre muito bem, quer dirigida pelo maestro Tantill, quer pelo maestro Lombardo, ambos muito habéis.

Polytheama

O café-concerto da rua de S. João continua a ser o ponto de reunião dos *nouveurs* da capital.

A empresa revela sempre muito gosto na organização dos programmas, de modo que não admira as grandes enscentes que o Polytheama apauha.

Os numeros mais cotados actualmente são: L' Americanita, Maria Angelini, o interessantissimo Duo Luzitano, a bailarina hespanhola Beatriz Cervantes e a cantora italiana Lydia Gentil.

Cabellos brancos

Desapparecem com o uso da

TINTURA BROUX

Incomparavel!

Sem Rival!

A' venda em todas as boas casas de perfumarias.



Concurso de Feiura

(Ultima apuração)

Damos hoje a ultima apuração do nosso concurso de feiura, que tanto successo alcançou no seio da nossa fina sociedade.

Para que ninguém possa duvidar da seriedade deste nosso concurso, delaramos que a apuração final foi feita pelos seguintes rapazes, completamente extranhos á redação, — Raul Corrêa da Silva, Jacintho Angerami e Antenor Wogueira, aos quaes muito agradecemos pela gentileza de terem accedido ao nosso não muito agradável convite.

E assim podemos neste numero proclamar que os quatro rapazes mais feos de São Paulo são: Francisco Camargo Penteado, dr. José Martins Pinheiro Junior, Wolgrand Nogueira e Domenico Angerami.

Ao sr. Francisco Camargo Penteado, vulgo Chico Biscoito, o feio dos feios daremos Rs. 100\$00 em dinheiro e aos outros tres feiosos serão entregues tres interessantes mimos offerecidos pelo lapis do nosso Voltino.

Eis a apuração final do nosso concurso:

Francisco Camargo Penteado	135
Dr. José Martins Pinheiro Junior	133
Wolgrand Nogueira	118
Domenico Angerami	117
Dr. Ulysses Paranhos	85
Antonio de Souza Valle	74
Luiz Sergio Thomaz	65
Francisco Arantes	52
Correa Vasques	45
Dr. Sampaio Vianna	38
Dr. Fernando Gomes	35
Dr. Wenceslau de Queiroz	32
Capitão Rodolfo Miranda	31
Odilon Egydio do Amaral Souza	28
Alvaro de Oliveira Dick	24
Edú Chaves	23
Armando Ferreira da Rosa	22
Dr. Camara Lopes dos Anjos	21
Guilherme Prates	17
Gustavo Oliva	15
Dr. Vicente Penteado	14
Laurindo de Brito	12
Lahyr de Azevedo	12
Dr. José Getulio Junior	12
Dr. Camara Abreu	10
Aristides Arruda Filho	10
Dr. Mario Egydio Souza Aranha	10
Abelardo Cahiuby	9
Dr. João Minervino	9
André Soares do Couto	9
Alaol Pinheiro	9
Sebastião de Toledo	9
Marcos G. Nalves	8
Dr. Vidu de Aguiar	8
Luiz Feliciano de Toledo	8
Adolpho Pereira	8
Aurelio Rebello	8
Frederico Azevedo Marques	6
Jose Bonifacio Netto	6
Decio Mallet	6

Aristides Procopio Oliveira	6	Mario Marcondes Moura	2
Ranulpho Pinheiro Lima	7	João Alfredo Correa Sampaio	2
Carlos Coelho Filho	6	Luiz Augusto Pereira de Queiroz	2
Carlito R. Barbosa	6	Celo Botelho	2
Luiz Faria Machado Maia	6	Victor Teixeira	2
José Martins Bonilha	6	Renato Barros	2
Mario Walter Bonecher	5	Alfredo Leite	2
Dr. Romeu Petrochi	5	Alfredo Eclanique Leite	2
Dr. Sebastião Soares	5	Dr. Renato de Andrade Lima	2
Vincente de Paula Azevedo	5	João Nunes S'queira	2
Dr. Modesto Munhoz	4	Carlos Escorel	2
Luiz Fortunato Arruda Botelho	4	Dr. Raul Br'quet	2
Florberto Pinto	4	Evaristo Garcia	2
Israel Arruda	4	Augusto Brant de Carvalho	2
Dr. Mario Henrique Barroso	4	Luiz de Castro	2
Plinio de Barros	4	Arthur Jordão	2
Antonio Pinheiro Lisboa	4	Mario Silveira Martins	2
Francisco Carvalho	4	Dr. Alberto Conceição Oliveira	2
Luiz Gonzaga Castello	4	Dr. Carlos Moraes Andrade	2
Ermani Lacerda	4	Silvio Manoel Novaes	2
Dr. Antonio Cajado de Lemos	3	Octavio de Campos	2
Alvaro Silva	3	José de Oliveira	2
Edgard Camargo	3	Dr. Renato de Andrade Maia	2
Philemon Ortiz	3	Dr. J. M. Toledo Malta	2
Sebastião Lintz	3	Armando Abreu	2
Meira Netto	3	Olympio Santos	1
Lulú Vieira	3	Joãoquim Prado de Azambuja	1
Octavio Coelho	3	Sebastião Gaia	1
Dr. Chiquindo Cintra	3	Dalmaceo Azevedo	1
José Antonio da Silva	3	Henrique Macchiorlati	1
Durval de Andrade Silva	3	Oscar Tollens	1
Juvenal de Andrade	3	Clineu B. Gaia	1
Braz de Souza Arruda	3	Antonio Archanjo Baptista	1
Franklin Queiroz	3	Annibal Mendes Ante	1
Philadelphio de Aranha Junior	3	V. Ragognetti	1
E. V. Rocha	3	Sylvio da Serra Bororó	1
Juó Bananere	3	Teophilo de Oliveira Souza	1
Nabor da Rocha	3	Waldomiro de Niemeyer	1
Mario Mendes Anta	3	Walter Weisflog	1
Dr. G. Rosa Corrêa	3	Commendador Ramalho Ortigão	1
Octavio de Queiroz Aranha	3	Romeo Valio	1
Dr. Odilon Souza Aranha	3	Victor Hugo Foschini	1
Dr. Mario Stella Lima	3	Dr. Sebastião Soares	1
Manoel da Rocha Mello	3	Rolim Rosa	1
Antonio Corrêa da Silva	3	Dr. Hippolyto da Silva	1
Lupercio de Oliveira Passos	3	Paulo Leite Silva	1
Persio Freire	3	João Thimoteo de Almeida	1
Alfredo Rudge	2	Vicente Gontijo Carvalho	1
Rodolpho Nevares	2	Miguel de Godoy Netto	1
Clovis da Costa e Silva	2	Omar Werneck	1
Alvaro Dias da Silva	2	Heitor M. Chaves	1
José Pereira da Silva	2	Fabio Veiga de Oliveira	1
Leandro Dupré	2	Rodolpho de Freitas	1
Waldomiro Carvalho	2	Jacintho Pereira de Barrs Filho	1
Luiz Silva Nunes	2	José Augusto Corrêa Junior	1
Dr. Nardy Filho	2	Dr. J. M. de Toledo Malta	1
Dr. Julio Maricato	2	Oswaldo Magalhães	1
Aristide Procopio de Oliveira	2	Alvaro Vidigal	1
Vicente Alfano	2		
Francisco Salles Vicente Azevedo	2		
Luiz Phelippe Lacerda	2		
José de Moraes Salles Junior	2		
Dr. Romeu Freire Lima	2		
Orlando J. Ribeiro	2		
Grinaldo S. Almeida	2		
Plinio Castro	2		

Aquelle namoro! aquella namoro! E o marido alli, vendo! Emfim, dizem que elle conhece-a profundamente, e que sabe que a fidelidade d'ella se consolida a cada *flirt* que elle consente.



Empresa de Reclamos Campinas

Unica no Genero

Rua Conceição 93,^A - TELEPHONE 504

Incumbem-se de qualquer serviço de propaganda. Faz distribuição de annuncios e fixação de cartazes. Executa-se qualquer trabalho typographico; Letreiros, Taboletas artisticas, reclamos luminosos nas telas dos Cinematographos: Concessionaria de annuncios no Casino, Carlos Gomes, Theatro Rink. Facilita para as empresas Theatraes, Circos, etc., todo o serviço de reclamos, distribuindo programmas diarios, coloca em diversos pontos da cidade taboletas. Arma para os Circos os pavilhões emfim tudo o que diz respeito a serviços theatraes:

Quem não annuncia não vende
Não deixem de fazer os seus annuncios
em Campinas, sem procurar a
Empresa de Reclamos Campina s.



TELEPHONE 1268

Rua S. Bento 18 - B

SAO PAULO

FABRICA DE LUVAS DE PELLICA

Especialidade em Luvas para Casamentos,
Bailes etc.

APPROMPTA-SE ENCOMMENDAS COM TODA A
PERFEIÇÃO E BREVIDADE

Pellica, Pelle de Suede, Camurça, etc. Luvas, Mitaines de
Seda, Algodão e fio de Escocia, Leques, etc.

NOVIDADES PARA PRESENTES

Antonio de Souza Martins

Agencia de Jornaes

51 & Rua 15 de Novembro & 51

SÃO PAULO

Encontra-se á venda:

LECTURE POUR TOUS; TOUCHE A' TOUT; MIROIR; FEMINA, N. commun;
FEMINA, N. especial; LES ANNALES; PAGES FOLLES; LE SOURIRE; LE
MATIN; FROU-FROU; JE SAIS TOUT; ILLUSTRATION; ETUDES ACADE-
MIQUES; LA VIE AU GRAND AIR; PÊLE-MÊLE; LE RISE; FANTASIE;
PETIT JOURNAL; LE JOURNAL.



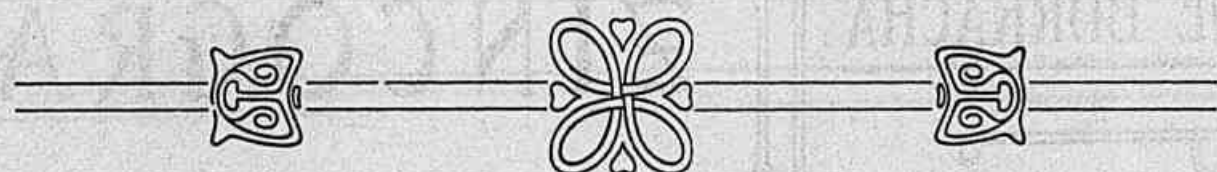
PAPELARIA DEFINE

Typographia, Encadernação, Pautação

FABRICA DE LIVROS EM BRANCO

Sortimento de Objectos de Fantasia para Escritorio

Carimbos de Borracha



•B. DEFINE & COMP. •B.

Escritorio; RUA FLORENCIO DE ABREU, 88 ☒ Officinas e Deposito N. 70

Caixa do Correio N. 544

Telephone N. 642 ☒ Endereço 'elegraphico; DEFINE Sao Paulo

S. PAULO



TYPO-LITHOGRAPHIA

CASA FUNDADA

o o c EM 1850^{ooo}

IMPORTAÇÃO DIRECTA

DUPRAT & C^{IA}

PAPELARIA □ FABRICA DE
□ □ □ LIVROS EM BRANCO
ARTIGOS PARA □ □ □ □ □
□ □ □ □ □ □ □ ESCRIPTORIO
ENCADERNAÇÃO □ □ □ □ □
CARIMBOS DE BORRACHA

SECÇÃO DE ALTO RELEVO

— E —

GRAVURAS SOBRE METAL

ZINCOGRAPHIA

PREMIADA EM DIVERSAS EXPOSIÇÕES

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: **RUA DIREITA N. 26**
"INDUSTRIAL"

TELEPHONE N. 78
CAIXA POSTAL N. 52

OFFICINAS E DEPOSITO:

RUA 25 DE MARÇO, 76

SÃO PAULO



Bexiga, Rins, Prostata, Urethra



A UROFORMINA GRANULADA de Giffoni è um precioso diuretico e antiseptico dos rins, da bexiga, da urethra e dos intestinos. Dissolve o acido urico e os uratos. Pur isso é ella empregada sempre com feliz resultado na insufficiencia renal nas cystites, pyelites, nephritis, pyelo-nephritis, uretritis crônicas, inflamação da prostata, catharro da bexiga, typho abdominal, nremia, diathese, urica, arêas, calculos, etc.

As pessoas idosas ou não que têm a bexiga preguicosa e cuja urina se decompõe facilmente devido á retenção, encontram na UROFORMINA de GIFFONI um verdadeiro ESPECIFICO porque ella não só facilita e aügmenta o DIURESE, como desinfecta a BEXIGA e a URINA evitando a fermentação desta e a infecção do organismo pelos productos dessa decomposição. Numerosos attestados dos mais notaveis clinicos provam a sua efficacia. Vide a bulla que acompanha cada frasco.

Encontra-se nas boas drogarias e pharmacias desta capital e dos Estados e no

Deposito: Drogaria FRANCISCO GIFFONI & C. - Rua Primeiro de Março, 17 - Rio de Janeiro



SÓ E' calvo quem quer —
Perde os cabellos quem quer —
Tem barba talhada quem quer — **Porque o** —
Tem caspa quem quer —

PILOGENIO

faz brotar novos cabellos, impede a sua queda, faz vir uma barba forte e sadia e desaparece completamente a caspa e quasquer parasitas da cabeça, barba e sobrancelhas. — Numerosos casos de curas em pessoas conhecidas são a prova da sua efficacia. — A venda nas boas pharmacias e perfumarias desta cidade e do estado e no deposito geral. Drogaria Francisco Giffoni & C., Rua Primeiro de Março, 17. — Rio de Janeiro

Grandiosa Scoperta

Ristoratore-Anticanizie Welman

Per combattere la canizie, la forfora, la ruvidezza e la caduta dei capelli, havvi un solo ricorso:

il RISTORATORE-ANTICANIZIE WELMAN

Esso può considerarsi come la più importante scoperta del genere. — Efficacissimo sotto tutti i rapporti, non presenta nessuno dei tanti inconvenienti che si lamentano sull'impiego dei più rinomati prodotti similari, fortemente impregnati di sostanze venefiche e ossidanti: quali, ad esempio, quelle ad effetto immediato, quasi sempre a base di *Nitrato d'argento*, di *Parafenilendiamina*, *Mercurio*, *Permanganato*, ecc., ecc., che oltre a macchiare la pelle e la biancheria, producono in breve l'intossicazione del sangue e la caduta dei capelli.

Il «Ristoratore-Anticanizie Welman» ridona ai capelli e alla barba il loro primitivo colore ne aumenta considerevolmente la massa, ne rinforza i bulbi e rimette in circolazione l'umore colorante, alla cui assenza va attribuito il fenomeno della calvizie

In vendita presso tutte le più importanti barberie, farmacie e drogherie.

Flacon grande 5\$000



Os maiores fortunas dos Estados Unidos foram feitas com negociações de terrenos.

Não hesitem.

Comprem enquanto estão baratos

== os terrenos em ==

PINHEIROS

E

Villa Magdalena

(BONDE DE PINHEIROS)

o maior successo actual de terrenos

VISITEM TODOS